

Tribuna Operária

ANO V - Nº 181 - DE 20 A 26 DE AGOSTO DE 1984

Cr\$ 400,00

Governo desatinado afunda no malufismo



PMDB aprova Tancredo e pontos para programa

Este foi o saldo principal da Convenção Nacional do maior partido da oposição, dia 11 em Brasília. Pág. 3

Depois da Convenção do PDS, em que Paulo Maluf derrotou Andreazza e Figueiredo, e sagrou-se campeão em compra de votos, o general-presidente não teve dúvida: malufou de vez, junto com seus militares, seus ministros e a máquina governamental. A Convenção pedessista, a dupla tática do candidato do regime e suas magras perspectivas, na pág. 4



Foto: Roberto de Sá

EDITORIAL

Aliança democrática

Fulano "malufou". Sicrano "tancredou". Esta gíria popular, que já circula por todo lado, expressa a simplificação do quadro sucessório ocorrida no período recente. De um lado, a arrogância e a corrupção impenitente nos 20 anos de regime militar encontram em Paulo Maluf um candidato à altura. De outro, a Aliança Democrática, interpretando o sentimento dos mais diversos setores sociais de pôr fim ao reinado dos generais, aponta Tancredo Neves como representante unitário das oposições.

A vida colocou concretamente para os democratas a tarefa de se unir, tomar de assalto o Colégio Eleitoral, originalmente forjado para impedir a vitória das oposições, abrir caminho para a conquista da liberdade e de transformações em profundidade na sociedade brasileira. A Aliança Democrática surgiu como forma prática para organizar todas as correntes contra o continuísmo de Figueiredo-Maluf e possibilitar na atual conjuntura uma saída democrática para a crise política da sucessão.

Eganam-se os que fogem desta realidade e imaginam fórmulas artificiais, supostamente "avançadas", dizendo-se intérpretes dos trabalhadores. O povo não é tolo. A experiência do dia a dia sob o tacão da ditadura já demonstrou cabalmente que atuar fora do processo político em curso só facilita as coisas para os opressores.

o contrário de abster-se, o que cabe às forças verdadeiramente comprometidas com o povo e participar ativamente da batalha real pela democracia e contra o regime, agora vestido com o uniforme malufista. O que se impõe não é o protesto estéril sem propostas de solução, mas sim construir em cada Estado, em cada bairro, em cada local, organizações da Aliança Democrática, com base na discussão de um programa básico que contemple os anseios mais sentidos da nação. E através da incorporação das massas populares neste

instrumento de união oposicionista, imprimir à campanha de Tancredo Neves um colorido vivo, um ritmo de combate, de acordo com as exigências da situação do país.

Certamente surgirão problemas. Aliança significa soma de forças, com interesses diferentes, em torno de um objetivo comum — no caso derrotar o candidato trombadinha que representa o regime militar e levar Tancredo Neves à presidência. Os combatentes da liberdade mais consequentes cumprirão o papel de vanguarda neste processo se souberem compreender a nova situação política que se criou e a redefinição das forças tanto na oposição como no governo. De um lado, lutarão para que a Aliança Democrática adote as posições mais progressistas; defenderão no seu interior e em público as propostas do proletariado. Mas ao mesmo tempo tratarão com o máximo carinho a unidade mais ampla possível, contemplando todas as correntes envolvidas, valorizando a importância da incorporação dos dissidentes egressos do PDS e buscando a adesão de oposicionistas equivocados que ainda permanecem à margem da refrega.

Os partidos, organizações e entidades populares serão o pólo mais dinâmico dentro da Aliança Democrática. Criarão condições para que a campanha penetre em profundidade nas fábricas, nas escolas, nas fazendas, nos povoados e nos bairros. Promoverão em toda parte as assembleias populares para discutir o programa básico do candidato oposicionista e reforçar as legítimas reivindicações das massas trabalhadoras. Atuarão também nos escalões superiores. Exigirão representação na direção da campanha e voz nos palanques. Serão os principais interessados em levar a candidatura do sr. Tancredo Neves para as ruas, em magestosos comícios, ampliando o movimento de massas já realizado no primeiro semestre.

Campanha de Tancredo vai para a praça em Minas

Em Belo Horizonte, Tancredo dá partida a sua campanha com uma festa de 15 mil pessoas. Página 3

Congresso da CUT joga na divisão do sindicalismo

Com "delegados" eleitos à revelia dos Sindicatos e assembleias sem representatividade, encontro tentará cristalizar a divisão. Pág. 7

Comunistas alemães avaliam greve por redução da jornada

A batalha pela defesa do emprego na pág. 2



Adultos e crianças à caça de sua sobrevivência no lixo

A vida miserável dos que vivem do lixo de S. Bernardo

Dia e noite centenas de desempregados garimpam o lixo do ABC paulista em busca da sobrevivência de suas famílias. Veja matéria na última página.

Santa Catarina está afogado por omissão do regime militar

As novas enchentes vêm causando vítimas e grandes prejuízos para a população, denuncia Amin. Pág. 4

Recuperação ou degeneração da nossa economia?

Delfin Netto e outros apressados torcem os dados para esconder seu fracasso e iludir o povo. Pág. 5

O que está por trás do fenômeno Michael Jackson

Reagan diz que ele é "um exemplo para a juventude". Seu último disco vendeu 35 milhões de cópias. Pág. 9



Na luta pela redução da jornada de trabalho, os operários tiveram apoio do conjunto da população

Lições da luta pelas 35 horas

Os marxistas-leninistas alemães, organizados no Partido Comunista da Alemanha, avaliaram recentemente no órgão central do Partido, Roter Morgen, a luta dos operários de seu país pelas 35 horas de trabalho semanais. Com essa luta, várias categorias conquistaram a redução da jornada de 40 para 38 horas e meia. Eis alguns pontos da avaliação:

"Desde o começo da luta pelas 35 horas, não se tratava apenas do aspecto econômico da reivindicação. O desenvolvimento dos fatos até a colocação desta exigência em pauta pelo Sindicato dos Metalúrgicos (IG Metall), mostrou-o claramente.

"Os dissídios do Sindicato dos Metalúrgicos — no último Congresso da entidade ou na greve síndica de 1978-79 — esclareceram que a redução da jornada de trabalho liga-se à resposta que será dada pelo movimento operário à crise capitalista em agravamento; de como impedir que o peso da crise seja jogado nas costas dos que dependem de sua força de trabalho, através do desemprego em massa e da eliminação das conquistas sociais.

GOVERNO X OPERÁRIOS
"A mudança de governo foi uma agravante deste dissídio. O capital deixou muito claro, com a substituição dos social-democratas pelos democratas cristãos, qual é sua saída para a crise: confronto com os Sindicatos e "dispensa" da colaboração de classes; mobilização contra o

movimento operário, visando isolá-lo e enfraquecê-lo e dividir os Sindicatos. Como auxiliares secundários desta manobra, participou um grupo de Sindicatos da Federação Alemã dos Sindicatos (DGB), conhecido como "bando dos cinco", que enviaram uma carta ao ministro do Trabalho colaborando com a tentativa de dividir a Federação ou pelo menos diminuir seu poder de pressão.

"Dentro do Sindicato dos Metalúrgicos e do Sindicato dos Gráficos (IG Drupa) foi maior a mobilização para o dissídio com diferenças de seção para seção e de fábrica para fábrica. Nas prolongadas negociações que se seguiram, o Sindicato dos Metalúrgicos tentou evitar um confronto decidido com o patronato. Mas não conseguiu movê-lo e nem aos empresários das grafias de sua intransigência em negar a redução da jornada de trabalho.

OPERÁRIOS X CRÍSE
"Ainda antes dos referendos sobre a greve, os empresários acreditavam que a maioria dos operários não estaria a favor das

35 horas. Os bons resultados do plebiscito em Baden e Hessen (Estados onde houve a greve), nas maiores e mais combativas fábricas sempre em torno ou acima dos 90% dos votos, mostraram que não era o caso de restringir a luta pelas 35 horas a setores escolhidos da classe. Pelo contrário, estes resultados e os insistentes pedidos de que fossem realizados plebiscitos nos demais Estados, provaram que os metalúrgicos estavam preparados para mobilizarem-se contra os efeitos da crise e contra os planos do patronato.

"Apesar de terem-se enganado quanto ao resultado dos plebiscitos, os dirigentes da confederação patronal não cessaram, desde o início da greve, seus ataques contra o Sindicato e as demissões de grevistas. Em conluio com o governo, que tirou qualquer ajuda aos desempregados, os patrões pretendiam não apenas castigar com a fome, mas também provocar uma pressão de base que levasse o Sindicato à capitulação. Mas os empresários e o governo só conseguiram mostrar aos operários que são os responsáveis pela sua situação.

É NECESSÁRIO LUTAR

"Mesmo com a condução conciliadora da greve (que chegou a propor a passagem gradual para as 35 horas, condicionada à variação do desemprego), chegou-se, durante a luta, a uma correlação de forças em que os patrões duvidaram se seriam capazes de conduzir suas fileiras e o governo para um confronto com os Sindicatos, enfrentando uma frente ainda mais ampla dos operários. O conflito resultou num sentimento geral de que é necessário que os operários lutem pelos seus interesses, dêem uma resposta própria à crise. A consciência de classe elevou-se. Provou-se que o movimento operário é uma força que conta no enfrentamento diário do desemprego em massa e que foi capaz, na luta pela redução da jornada de trabalho, de reunir apoio de massa.

"Nos próximos meses haverá

nas fábricas o confronto em torno da implantação do acordo. Ai nos compete, através da palavra de ordem 38,5 horas para todos, conseguir uma negociação a mais unitária possível. Complementariamente, deve-se dar apoio às reivindicações de horas extras não, novos empregos ou nenhum prolongamento dos turnos.

MOBILIZAR OS COLEGAS

"Devem surgir importantes discussões nas fábricas e Sindicatos, onde terá importante papel a questão de como conquistar as reivindicações: não sentando-se à mesa de negociações, mas mobilizando os colegas nas fábricas. A necessidade desta mobilização, de lutar desta maneira, leva ao segundo aspecto do problema: o papel pacificador atribuído aos Conselhos de Fábrica por lei, e a decorrente proibição de que adotem medidas de luta. Fortalecer as posições classistas sobre estas questões nas fábricas é uma de nossas tarefas.

"Da experiência nesta luta ficam visíveis os conflitos no plano político em geral e como o governo em particular. A este pertence a questão do pagamento de auxílio aos demitidos.

A proibição das demissões por lei será um ponto onde deve-se exercer a pressão política, não só do movimento sindical mas do conjunto do movimento democrático, a fim de alcançar a vitória.

"Um terreno de confronto que deve-se agravar agora é a questão do desemprego crescente. Com a luta dos trabalhadores, a postura do governo ao lado do capital ficou clara para muitos. A contradição política nesta questão deverá novamente aguar-se. 'Geração de empregos às custas dos ricos' e uma série de palavras de ordem do programa econômico do Partido ganharão significado prático para nossa atividade política. Em tal movimento, nosso ponto de vista de que o governo deve ir para a rua deve ser introduzido e, com a experiência das lutas operárias, encontrar-se um claro apoio. (Roter Morgen)



A classe operária ocupou as fábricas para conquistar as 35 horas

Lições de Enver Hoxha sobre Oriente Médio

Foi publicado na Albânia um novo livro de Enver Hoxha, 1º Secretário do CC do Partido do Trabalho. Trata-se de um conjunto das notas, observações e análises do autor entre 1958 e 1983 sobre uma das mais conturbadas regiões do mundo — o Oriente Médio. Uma importante contribuição para a compreensão das raízes dos conflitos ocorridos no mundo árabe.

A obra é parte integrante de uma série intitulada "Jornal Político", sobre questões internacionais. "Reflexões sobre o Oriente Médio" desmascara os inimigos abertos e disfarçados dos povos da região, revela os complôs e rivalidades entre as grandes potências imperialistas, bem como suas intervenções visando submeter e pilhar os povos árabes. Reflete a posição do PTA em relação a esta região do mundo, destacando a necessidade de apoiar a justa causa dos povos árabes, sua luta pela liberdade e independência.



Enver Hoxha

Segundo o curso dos acontecimentos nos últimos 25 anos no Oriente Médio e anotando gradativamente suas impressões, o autor faz uma análise marxista-leninista de conjunto sobre as razões internas e externas dos conflitos na região, e formula previsões que foram confirmadas no decorrer do tempo e que têm um valor atual.

Enver Hoxha desmascara vi-

gorosamente a política hostil e expansionista de Israel e do sionismo internacional. Denuncia a política anti-árabe das potências imperialistas, que não se detêm diante de nada para assegurar seu suprimento de petróleo às custas da liberdade e da independência nacional dos povos árabes. Como afirma Enver Hoxha, "os imperialistas norte-

americanos, ingleses e os traidores revisionistas (soviéticos) recorrem à diplomacia. Agitam ramos de oliveira, protestando preocupação com a defesa da liberdade e da independência dos povos mas na realidade o que cada um deles procura ocultar, é que os imperialistas americanos, ingleses, franceses, os revisionistas soviéticos, os tístas e outros defendem seus próprios interesses em detrimento dos povos árabes."

Sobre a fundação do Estado de Israel, Enver Hoxha afirma: "Os imperialistas ingleses e norte-americanos não foram movidos por nenhuma consideração de altruísmo ou respeito por sentimentos nacionais. Foram guiados única e exclusivamente por seus interesses econômicos e estratégicos de rapina no Oriente Próximo, preocupação de preservar suas bases, de criar um foco de subversão no seio dos Estados árabes."

Paralelamente ao apoio aberto do imperialismo americano, Israel é beneficiado pela ação do social-imperialismo soviético. Como observou o dirigente do povo albanês em 22 de agosto de 1982, referindo-se ao ataque do Líbano por Israel, "uma coisa chama a atenção. Enquanto Is-

rael recebe apoio dos EUA, a URSS contenta-se em fazer declarações "ameaçadoras" na imprensa e em colocar em movimento sua frota de guerra no Mediterrâneo, nada mais."

"Reflexões sobre o Oriente Médio" aborda uma grande gama de assuntos, como a luta do povo palestino e demais povos árabes por sua libertação nacional e social. O livro faz uma avaliação das insurreições antiféudais e antiimperialistas dos povos do Oriente Médio, particularmente a luta do povo palestino, o povo afegão contra os invasores social-imperialistas soviéticos. E destaca que a crise do Oriente Médio não poderá ser resolvida se o povo palestino não retomar sua pátria tomada pelos agressores israelenses. Isso só será possível quando todos os povos árabes se libertarem da influência política, econômica e militar das superpotências e demais potências imperialistas. Atualmente os povos palestinos, libaneses, afegãos, iranianos e outros precisam reforçar sua unidade para enfrentar Israel, os imperialistas norte-americanos e os social-imperialistas soviéticos, bem como lutar contra as correntes reacionárias feudais e burguesas de seus próprios países.

China atrai burguesia brasileira

Na semana passada, o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian, esteve no Brasil mantendo conversações econômicas com o governo. Sua visita estreitou os "laços de amizade" entre os dois países e deixou bem evidente a estratégia da China de fortalecer seus vínculos com o chamado mundo ocidental e a aliança com o imperialismo ianque no jogo contra o social-imperialismo soviético.

Xueqian chegou ao Brasil na segunda-feira e foi recebido na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI) por cerca de 30 empresários. Explicou que seu país pretende aumentar o intercâmbio com o Brasil, dos atuais 700 milhões de dólares para 1 bilhão, nos dois sentidos.

A calorosa acolhida que mereceu do empresariado e o caráter dos acordos que esteve negociando, revelam a natureza capitalista do modo de produção vigente na China e a abertura cada vez maior da qual país à penetração do capital estrangeiro.

O ministro das Relações Exteriores prometeu aos empresários o estímulo do governo chinês à implantação de parques industriais montados por empresas estrangeiras. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e senador do PSD, Albano Franco, disse que industriais da cerâmica e do azelejo de Santa Catarina querem participar do "programa"

e estão negociando nesse sentido.

Já o presidente da construtora Camargo Correia, Wilson Quintella, manifestou interesse em participar na construção da hidrelétrica de Três Gargantas, que deverá gerar de 18 a 20 milhões de quilowatts. Só pediu ao ministro chinês a dispensa da obrigatoriedade de as empresas possuírem capital próprio equivalente à dimensão do empreendimento.

Wu Xueqian discursou durante homenagem que recebeu do Itamaraty, defendendo a "paz, o desenvolvimento, a autodeterminação, a independência e a autodeterminação dos povos". Criticou, também, a política "de força" e o "relacionamento irracional da economia internacional", pregando o "fortalecimento da unidade e cooperação do terceiro mundo".

No entanto, a política externa da China anda bem distante desses postulados. Agredindo inclusive militarmente outros países, como o Vietnã, e mantendo uma estreita aliança com os Estados Unidos, o governo chinês desenvolve, na verdade, uma política chovinista, de conteúdo expressamente burguês.

"A alusão ao chamado "terceiro mundo" busca esconder, por outro lado, a realidade dos países que compõem esse pretensioso bloco, em sua grande maioria dominados por governos reacionários e testas-de-ferro dos interesses do imperialismo.



Plenária do XII Congresso do PC da Colômbia (m-1)

Comunistas realizam congresso na Colômbia

Em meio à conturbada situação atravessada pelo país, realizou-se em meados de julho último o XII Congresso do Partido Comunista da Colômbia (marxista-leninista). O Congresso teve a participação de cerca de 200 delegados e de representantes de sete partidos marxistas-leninistas. O Exército Popular de Libertação (EPL), braço armado do PC que atua em seis frentes e quatro zonas guerril-

lheiras, saudou a realização do Congresso, que ocorre quando se comemoram 20 anos de reorganização do Partido Comunista da Colômbia.

Os comunistas colombianos discutiram e aprovaram a tática do Partido para a atual situação do país, que se expressa na formulação de três palavras de ordem: Trêgua, Diálogo Nacional e Abertura Política.



Presidente dos EUA fica todo alegre com "bombardeio"

Ronald Reagan anseia pela guerra nuclear

O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, deixou escapar no sábado passado sua firme intenção de conduzir os Estados Unidos e o mundo a uma nova aventura guerrilheira de proporções inimagináveis. Ao testar o microfone antes de sua habitual mensagem radiofônica ao país, fez o seguinte anúncio: "Caros concidadãos, Tenho o prazer de dizer-lhes que acabo de as-

sinar uma lei banindo para sempre a União Soviética. O bombardeio começará dentro de cinco minutos."

Foi um "deslize, uma brincadeira", apressaram-se a dizer os porta-vozes de Reagan na Casa Branca. A frase, contudo, basta para revelar a elevada insânia de Reagan, preenche de satisfação ao "declarar" o que seria o início da guerra nuclear.

Candidato capaz de enfrentar Maluf



Nas galerias, à direita com Sarney, à esquerda com linha de luta; abaixo, Tancredo e Ulysses após a eleição

Numa intensa, alegre e combativa festa democrática, a Convenção Nacional do PMDB oficializou o lançamento do governador Tancredo Neves como candidato opositorista à Presidência da República. Após a Convenção, realizada em Brasília nos dias 11 e 12, ficou mais nitido o curso prático que a luta pelo fim do regime passou a assumir no quadro atual.

Tancredo teve 656 votos, enquanto o senador José Sarney recebeu 543. Somando-se os 32 votos nulos e brancos, um total de 145 sufrágios não foi confiado a Sarney, sinal de que é um nome que cria resistências e problemas, em vez de ajudar a Aliança Democrática.

Com a Câmara dos Deputados superlotada de convencionais e populares, a reunião teve um saldo positivo: lançou o candidato e também avançou na definição de quais devem ser seus compromissos programáticos mínimos (veja o quadro). Graças à presença de um setor mais avançado, significativo no plenário e amplamente dominante nas galerias, não houve, como tínhamos alguns, uma simples homologação da candidatura Tancredo-Sarney, mas uma tomada de posição de tom incontestavelmente opositorista.

PAPEL DAS GALERIAS

O comportamento das galerias deixou isto claro. É fato que, na sua ala direita, um grupo minoritário tentou sustentar palavras de ordem de evitado conteúdo político, tipo "Ei-ei-ei, Tancredo e Sarney".

Já na parte esquerda, outro setor, muito mais combativo, maior e mais animado, buscou reforçar o teor opositorista da Convenção, ao mesmo tempo em que cuidava de não criar obstáculos à consolidação da aliança

"O QUE EU ESPERAVA"

Após a final da Convenção, Ulysses Guimarães encontrou-se com o deputado Haroldo Lima e comentou: "Quereria parabenizar e agradecer a participação de seus correligionários pelo brilho que deram à nossa Convenção e pelo respeito que tiveram com nossas posições partidárias. Tratando-se de vocês, era o que eu esperava", concluiu Ulysses.

Também na tribuna, numerosos discursos; os mais aplaudidos, jogaram um papel importante para firmar o colorido político da reunião. Foi o caso do discurso do deputado Miguel Arraes, recebido com muitas palmas e gritos de "Arraes! Seis pontos!", numa referência aos pontos programáticos apresentados num documento encabeçado pelo deputado pernambucano (veja o quadro). Após insistir no teor do documento, Arraes frisou: "Estes são os objetivos do povo brasileiro, pelos quais nos bateremos em todas as circunstâncias que se apresentarem".

Outro orador muito bem recebido foi Edson, único operário a trazer para a Convenção do PMDB a voz das fábricas. Diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, trabalhando no Estaleiro Mauá, ele destacou "as liberdades sindicais, a mudança da política econômica do governo e o julgamento de sindicalistas não seja feito por militares como estamos cansados de assistir", entre os pontos que o programa de Tancredo Neves deve contemplar.

Quando Tancredo Neves chegou à reunião no domingo, já eleito candidato, a palavra cabia ao ex-presidente da UNE, Aldo Rebelo, que foi o primeiro a saudar publicamente o governador mineiro em sua nova condição. Falando em nome da juventude, Aldo salientou: "Se durante estes 20 anos fomos obrigados a conviver com o governo dos generais, nada de bom aprendemos com Figueiredo, Geisel, Médici ou Costa e Silva. Porque os mestres dos estudantes são aqueles que tombaram em defesa da pátria e do povo, como Frei Caneca e Tiradentes".

O DISCURSO DE TANCREDO

Como era de se esperar, Tancredo Neves usou em seu pronunciamento linguagem bem mais comedida. Embora tenha tocado os principais problemas que preocupam os setores populares, não apresentou propostas mais definidas, temeroso de dificuldades na administração do vastíssimo leque de posições incluídas na Aliança Democrática.

Seu discurso foi interrompido, diversas vezes, por manifestações das galerias. Ora eram aplausos para formulações mais firmes, ora palavras de ordem expressando o ponto de vista popular. Assim, quando Tancredo falou em "poder Constituinte", as galerias explodiram numa só voz: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, Constituinte livre e soberana no Brasil".

De uma maneira geral, o discurso de Tancredo ficou aquém do "Compromisso com a Nação", firmado na semana anterior entre o PMDB e a Frente Liberal. O governador não se pronunciou sobre revogação das leis de exceção, nem sobre o rompimento dos acordos com o FMI, nem explicitou o que entende por negociação soberana da dívida externa. De positivo, destaca-se a defesa da autonomia e liberdade sindical, da democratização da Universidade (embora não tocando na legalização da UNE), das prerrogativas do Legislativo, da eliminação da política de arrocho salarial e da participação das mulheres nas decisões nacionais. (Bernardo Joffily, enviado especial, e Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília).

Seis pontos para o Programa

Depois da indicação do governador Tancredo Neves para candidato do partido, a Convenção Nacional do PMDB aprovou uma moção indicando seis pontos básicos para integrar o Programa Mínimo de seu governo. O documento propõe ainda a constituição de um Conselho Político, nacional, e de Coordenações de Campanha, estaduais, com representação dos diferentes segmentos que integram ou venham a integrar a frente opositorista, "para dirigir a campanha, desenvolver o Programa e garantir a participação de todos esses setores na execução dos planos do futuro governo".

A moção foi encabeçada pelo deputado Miguel Arraes e assinada por dezenas de parlamentares e convencionais, como o senador Severo Gomes e os deputados Francisco Pinto, Alencar Furtado, Dante de Oliveira, Pimenta da Veiga, Haroldo Lima, Márcio Santilli, Aldo Arantes, Ibsen Pinheiro, Alberto Goldmann, Aurélio Peres, João Gilberto, Iran Saraiva e Luiz Guedes.

Os seis pontos básicos para o Programa foram: "Convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, em 1986, assegurando-se ampla e prévia liberdade de debate e organização partidária; Garantia das liberdades democráticas, liberdade de imprensa, de reunião, autonomia sindical e direito de greve; fim da LSN, Lei Falcão; eleições diretas em todos os

níveis; fim da política de arrocho salarial, e implantação de uma nova política econômica-financeira, condizente com os interesses nacionais e populares; anulação dos acordos até então firmados com o FMI, investigação da origem e desenvolvimento da dívida externa e reprogração posterior dos compromissos, resguardando os interesses do povo e respatamento a soberania nacional; providência para a realização da Reforma Agrária, com o cumprimento do Estatuto da Terra, combate à grilagem e garantia de terra aos posseiros, e Reforma Tributária que valorize os Estados e Municípios".

VOLTAR ÀS PRAÇAS

O líder do PMDB na Câmara Federal, deputado Freitas Nobre, ao saudar o candidato oficial da Convenção, declarou: "Ao voltarmos à praça pública, procurando na rua a legitimidade que o Colégio Eleitoral não nos concede, teremos que ir com um programa definido, claro, progressista e, em alguns casos, agressivo, para confrontar-se com a demagogia dos que pretendem a continuidade de uma política de desnationalização, de perseguição à UNE, de arrocho salarial, das lesões, das constantes ameaças à liberdade do cidadão e ao direito de livre atividade dos meios de comunicação", acrescentando que um dos eixos principais da campanha deve ser a convocação de uma Constituinte. (Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília).

OPINIÃO

Nova correlação de forças

Ficou mais claro o quadro da sucessão. A oposição sai mais forte e com um candidato com aceitação nos mais amplos setores. O governo sai dividido e desmoralizado. A Convenção do PDS representou mais uma amarga derrota de Figueiredo, que apostou em Andreazza e teve de engulir Maluf por larga margem de votos.

Em plano nacional, e em cada Estado, criou-se uma nova correlação de forças. Para dar prosseguimento à luta democrática não se pode ficar preso ao antigo esquema. Urge organizar a campanha do candidato único contemplando todas as forças interessadas, sem sectarismo e sem estreiteza. Os problemas estaduais e locais terão de ser resolvidos do ponto de vista maior

da derrota do regime. A questão chave será levar a campanha para as ruas e dar espaço para o povo se manifestar. O grande fator de unidade da frente estabelecida é o repúdio ao regime e a esperança de mudar. Com esta orientação é que a candidatura de Tancredo Neves dá prosseguimento às jornadas pelas diretas e aos grandes comícios.

O governo por sua vez não vacilará em recorrer a novas trapalhadas e corrupções para recompor suas fileiras. Encontrará, entretanto, o enorme obstáculo que representa recrutar forças para a ingloria tarefa de dizer "não" ao povo e à nação, de não mudar nada, de defender um sistema falido. A intransigência continuará sendo o fator central de sua desagregação.

Só-Diretas vota Tancredo e se questiona

Um subproduto positivo da Convenção foi pôr em cheque a linha do chamado Grupo Só-Diretas do PMDB. O grupo decidiu votar em Tancredo na Convenção, recusando apenas Sarney. Assim, mesmo sem confessar, passou o ponto que deu razão à sua existência — o compromisso de em hipótese alguma comparecer ao Colégio Eleitoral espúrio.



Frotta, Fogaça, Pimenta: "Vamos ter muita que ouvir do povo"



Moacyr de Oliveira Filho

credo e a continuidade da luta por diretas.

O deputado gaúcho José Fogaça explicita isso com cristalina clareza: "É preciso deslocar o centro de gravidade do Grupo para outro eixo. Precisamos entender que a candidatura Tancredo surgiu como a resposta possível da sociedade à intransigência do regime. Se ela é um instrumento importante, deixar de usá-la é abdicar da ação política concreta".

Indagado se o povo não consideraria isto como uma traição às diretas já, Fogaça retruca: "O povo tem o sentimento da História. Ele já decidiu, antes dos políticos. Não há ninguém nas ruas te perguntando se você vai ou não ao Colégio. O povo quer é

o fim do regime. O povo realmente acreditava que as eleições diretas poderiam levar a mudanças profundas. Mas daí a dizer que o Colégio Eleitoral não vai mudar nada é um equívoco completo. O grau dessas mudanças depende exatamente da nossa capacidade de intervir e influenciar ao longo desse processo".

Com enfoque semelhante, Pimenta da Veiga, do PMDB de Minas Gerais, argumenta: "Nós adotamos nossa postura num quadro político; agora, a realidade é completamente diferente. O que eu defendo é não vamos falar em Colégio, vamos lutar pelas diretas, mas sem ficarmos alheios ao processo sucessório, por exemplo, a Convenção do PMDB. Para sermos absolutamen-

te diretistas, teríamos que nos ausentar dela. Ao mesmo tempo, temos que insistir num programa para a candidatura das oposições".

Pimenta da Veiga afirma que vai começar "imediatamente" a colocar esta saída ao restante do Grupo. E propõe com lucidez uma linha de campanha: "Trabalharemos no nosso campo, que é a rua. O tapete é o campo do Maluf, que não sabe pisar em outro solo. Agora, na rua, ele não tem competência. Nem coragem".

Já o vice-líder do PMDB, Mário Frotta, do Amazonas, ainda insiste com mais veemência nos postulados do Só-Diretas. Porém, com sensibilidade de quem tem vínculos populares, faz a seguinte ponderação sobre a possível necessidade de levar à luta mesmo dentro do Colégio espúrio: "Um homem público não se pertence. O meu mandato não me pertence. Ele pertence ao povo, não é isso? E ele, o povo, que eu vou ter que ouvir".

Frotta levanta também que "o surgimento da Frente Liberal e da Aliança Democrática é um fato novo, deve ser analisado direito. Agora, temos que ter certeza que nosso candidato será vitorioso na eleição".

Em função disso tudo, os três entrevistados admitem que no dia 15 de janeiro, na hora fatal do embate Maluf-Tancredo, todos os parlamentares comparecerão ao Colégio, desde os do Só-Diretas aos do PDT e PT.

Dividido e corrupto, PDS espelha o regime

Fracionado e corrompido, à margem do regime que o criou, o PDS maloufo de vez após a escandalosa Convenção Nacional do dia 11 em Brasília. Agora o crápulo ex-governador Maluf, já com apoio de Figueiredo, seus generais e ministros, aplica uma tática dupla: colar com cargos e dinheiro nos cacos do PDS; e dividir com fútricas a Aliança Democrática.

A Coconvenção pedessista foi bem o retrato do regime de 1964. Na área da corrupção, além do comentado e deprimente espetáculo das malufetes e ancrezettes, talvez o episódio mais eloquente tenha ocorrido logo após definir-se a derrota de Andreazza. Dizendo-se traído, e mostrando-se furioso, o ministro de Figueiredo mandou cortar todas as mordomias que havia fornecido a seus eleitores verdadeiros ou supostos. Foi o que bastou para haver uma revoada em direção aos hotéis, onde essa gente roubou lençóis, talheres, cinceiros, e ainda saqueou o "figueirô" com a voracidade de personagens da decadência do Império Romano.

Porém nem só de corrupção, compra de votos e mordomias viveu a Convenção do PDS. Por ali circulou, passando informações ao deputado-maior Curió, o coronel Carlos Alberto Ulstra, que foi comandante do Doi-Codi de São Paulo durante a fase de tortura indiscriminada, e atualmente serve no gabinete do ministro do Exército. O que conversavam? Ninguém sabe, mas o major Curió, ostentando adesivos malufistas em profusão, respondeu de maneira sintomática à indagação de um curioso sobre o papel que as Forças Armadas teriam diante da sucessão. Disse ele: "As Forças Armadas estão observando; mas não tenho dúvida de que, como guardiãs da ordem, elas estão atentas contra a comunização do país. Tancredo Neves é um homem moderado, mas por trás dele estão as hostes vermelhas, sem as quais ele não se elege". O interlocutor perguntou então se haveria um... "Um trabalho; é isso aí, um trabalho", atalhou Curió. E Curió, como se sabe, além de deputado pelo PDS e potencial do ouro em Serra Pelada é homem de confiança do Conselho de Segurança Nacional.

O resultado da votação dos convencionais pedessistas foi um atestado da eficácia dos métodos de Paulo Maluf. O ex-governador paulista teve 143 votos de vantagem sobre Andreazza, apesar de estar com as fútricas do Ministério do Interior, e já está sendo considerado "o gênio do crime". Agora, consagrada como candidato oficial da situação, Maluf põe em prática uma linha de ação baseada em dois pontos.

Seu primeiro esforço no momento é colar os cacos do PDS, estrangalhado entre outras coisas devido à própria ação malufiana. A maneira de proceder a colagem é acomodada às diferentes facções pedessistas em composição: aqui um banco, ali uma empresa estatal, acolá uma superintendência... É uma tática que tem como base a semelhança ideológica entre as diferentes facções do PDS, todas adeptas das mesmas clas-

Justiça condena Maluf

O candidato do PDS à presidência da República, Paulo Maluf, foi condenado a devolver aos cofres públicos de São Paulo Cr\$ 9.085.965,00 - gastos indevidamente na época em que ocupava o governo do Estado. É o que determina sentença do juiz Agostinho Loperfido, da 6ª Vara da Fazenda Estadual paulista, que julgou procedente, em parte, ação popular movida pelo deputado Vanderlei Macris, do PMDB, contra o ex-governador.

Os Cr\$ 9 milhões da condenação foram gastos com presentes e flores para Maluf e seus acolitos — Calim Eid, ex-chefe da Casa Civil; Marina Belisqui, assessora especial de Maluf; e Irlato Miguel Mastrogiorganni, ex-chefe do Cerimonial do Palácio dos Bandeirantes — distribuíram à farta durante seu desgoverno em São Paulo.

O candidato do PDS, que promete "eliminar as mordomias e impôr rigorosa austeridade na administração" caso abocanhar a Pre-

sidência, quando era governador esmerava-se em distribuir rosas, tapeçarias de artistas famosos, jóias assinadas, esculturas e peças em prata e ouro.

Nas investigações que serviram de base à condenação constatou-se, por exemplo, que a empresa "Studio Kiekey — Presentes Fines Ltda.", emitia notas fiscais falsas nas vendas ao grupo de Maluf. Além do mais, não foram identificados vários dos "destinatários" dos presentes.

Não é a primeira vez que Maluf é condenado por estrepitosos desse tipo com o dinheiro público. Em maio passado ele já teve que pagar Cr\$ 150 milhões referentes aos 25 automóveis com que apresentou a Seleção Brasileira de Futebol, em 1970, quando era prefeito da capital paulista. Mas entre o crime e a punição, passaram-se 14 anos! E agora? Quando Maluf vai reembolsar São Paulo pelos danos que causou ao Estado?

Foto: Angelo José Pereira



Na Convenção, Maluf conversa com Golberg; e o major Curió tem as "hostes vermelhas"

classes reacionárias que o sustentou. Maluf, ainda que não deva ser subestimado, debate-se contra esse processo objetivo. É este seu incurável ponto débil, que faz da candidatura Tancredo a favorita, mesmo no Colégio.

Após a Convenção, as desercões no partido situacionista se aceleraram. Ainda no dia seguinte, o senador Martins Filho, do Rio Grande do Norte, pediu ingresso no PMDB. Vinte e quatro horas mais tarde o ex-governador gaúcho Amaral de Souza, que dera dois votos a Andreazza na Convenção, confessava: "Lamentavelmente o PDS se distanciou do povo brasileiro, quando, ignorando o repúdio a esta candidatura nas ruas, fábricas e escolas, adotou essa candidatura. Eu, prefiro ficar com o povo". E até Antonio Carlos Magalhães, o ex-governador da Bahia, conchegado por sua truculência, não vê condições de malufar.

Até o momento, portanto, Maluf não conseguiu nem sequer estancar a sangria dentro do partido dominante, quanto mais reverter a situação. Mas isso não quer dizer que o enfraquecimento sucessório já seja coisa resolvida, pois em 1978 tudo também parecia favorecer o protegido de Brasília, Laudo Natel, e quem abocanhou o governo de São Paulo foi Maluf.

ERRATA

Na matéria "Divisionistas manobram no Enclat gaúcho", publicada na edição passada (18/8), saíram duas incorreções: Sergio, dado como do Sindicato dos Metalúrgicos, na verdade é dos Rodoviários; e Edir Inácio da Silva não participa da CUT.



A multidão foi às portas do Palácio da Liberdade ouvir as palavras do candidato Tancredo Neves

Tancredo Neves inicia sua campanha na praça pública

Cerca de 15 mil pessoas compareceram à chamada Festa da Liberdade, posse do novo governador de Minas, Hélio Garcia, e comício de lançamento do candidato à Presidência da República. Foi grande a animação dos mineiros no início da campanha de Tancredo Neves, com bandas de música e fogos de artifício.

Estiveram presentes todos os governadores do PMDB, o presidente do Partido, deputado Ulysses Guimarães, o vice-

governador de Sergipe e o senador Marco Maciel, além do candidato a vice-presidente, José Sarney.

Da sacada do Palácio da Liberdade, Ulysses Guimarães abriu a manifestação saudando a Frente Liberal e o Governador Tancredo Neves e dizendo, ao final, que o povo na rua é a única garantia da vitória no Colégio Eleitoral. O Governador Tancredo Neves encorrou o ato com um longo discurso situando o processo que o conduziu à candidatura presidencial. Justificou a ida ao Colégio Eleitoral dizendo que como "não podemos impor a batalha no campo limpo e arrejado das urnas populares, iremos aceitar o combate no pantano terreno em que querem travá-la. Es-

tas serão as últimas eleições indiretas realizadas neste país". Mais adiante ele afirmou: Esta arrancada memorável não seria possível sem a demorada luta que as oposições vêm mantendo contra o arbítrio neste país. Há vinte anos, aos instaurar-se o regime que agora chega ao seu fim, formamos o grupo político que iria se opor, com firmeza, à prepotência. Fui um dos primeiros a dizer não ao rompimento com a legalidade constitucional. Disse não ao declararem vaga a Presidência da República, disse não na implantação do regime militar, disse não, em nome da consciência nacional, quando Juscelino Kubistchek foi preso e vilipendiado em sua honra cívica. E continuei dizendo não ao longo destes anos tormentosos".

É preciso uma candidatura claramente oposicionista

Iniciou-se a campanha do governador Tancredo Neves à Presidência da República. Não há dúvida de que fazê-la começar numa concentração popular foi um fato positivo. Se há alguma ressalva a fazer, é justamente por não se ter convocado uma manifestação do tamanho exato do sentimento oposicionista dos brasileiros e de suas esperanças nesta campanha.

A presença do povo nas ruas é a única garantia de vitória das oposições sobre o regime militar, em qualquer campo que a batalha se colocar.

A integração da Frente Liberal a este primeiro ato é também fato auspicioso. Submete esse setor à pressão das massas em direção a um compromisso mais explícito frente às reivindicações populares.

Agora, trata-se de realçar o caráter do embate político a ser travado contra o regime militar e Maluf. É preciso que a cam-



OPINIÃO PARLAMENTAR José Luiz Guedes Deputado federal pelo PMDB de Minas Gerais

panha do governador Tancredo Neves seja claramente oposicionista, que delimite com nitidez as fronteiras entre o odiado regime e os anseios de mudança do povo brasileiro. É fundamental que assuma publicamente compromissos explícitos com a solução dos angustiantes problemas da população.

O POVO COBRA PROGRAMA

A população ouvia tudo com atenção, já pensando nas reivindicações que deverá fazer no futuro presidente. É que mesmo não sendo eleito pelo voto direto e secreto das massas, ele representa a candidatura única das forças de oposição ao regime militar. José Pedro da Silva, aposentado, 68 anos, acompanhava os discursos com interesse e comentou: "Se Tancredo for eleito, tem que acabar o mais rápido possível com a falta de empregos e expulsar as multinacionais, restaurando assim nossa soberania nacional".

Milhares de notas da Comissão da Legalidade do PC do Brasil foram disputadas pelos presentes, contendo as propostas dos comunistas de um programa mínimo e um Plano de Emergência a serem assumidos pelo candidato oposicionista. Esta mesma massa protestou quando as bandeiras do PC do B foram retiradas do ato pela polícia. (da sucursal)

Lideranças paulistas organizam encontro popular e democrático

Dia dois de setembro, no ginásio do Pacaembu em São Paulo, será realizada uma grande Assembleia Popular e Democrática para apoiar o candidato único das oposições à Presidência da República, Tancredo Neves, e discutir os pontos básicos do programa mínimo que deverá orientar sua campanha.

Organizada por dirigentes de entidades sindicais e populares, a assembleia conta também com expressivo apoio dos setores democráticos. E terá, sobretudo, a finalidade de imprimir a marca do movimento popular de São Paulo na batalha sucessória.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

"A receptividade à proposta da assembleia tem sido muito boa", comenta o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Cláudio Speciatini, um dos organizadores do encontro. "Estamos no início da organização e já contamos com o apoio de dezenas de sindicatos, socieda-

des amigos de bairro, diretórios de partidos etc".

Cláudio ressalta que "o movimento sindical e popular não pode ficar alheio a essa luta. Temos de exigir do candidato das oposições o compromisso com a democracia e a justiça social". Na mesma linha, Hélio Antonio Cândido, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho, diz que "os trabalhadores são os principais interessados no fim do regime militar. Por isso devem se organizar e pressionar no sentido de que o desfecho da sucessão presidencial ocorra conforme seus interesses".

Já Osvaldo de Oliveira Ribeiro, presidente do Sindicato dos Aeroviários, critica o que ainda insistem em ausentar-se do Colégio Eleitoral. "Propostas que, no fundo, só ajuda os que estão afundando o país, só interessa às forças de direita e ao senhor Paulo Maluf". O administrador regional de Campo Limpo, Abel Abati, argumenta

que "sem a vigorosa participação do movimento popular fica difícil os interesses do povo serem contemplados no programa de governo oposicionista. Nós não devemos ficar fora da atividade e deixar tudo nas mãos da Frente Liberal. É preciso que a campanha tenha um caráter eminentemente popular e nesse sentido já devemos ir preparando também os grandes comícios".

A convocação para a assembleia conta com a assinatura de diversas personalidades democráticas, parlamentares, secretários de Estado, membros da Executiva Regional do PMDB, administradores regionais, além de dezenas de entidades populares e dirigentes sindicais, como os presidentes dos Sindicatos dos Metalúrgicos, Metalúrgicos, Têxteis, entre outros. A comissão executiva encarregada do encontro está mantendo plantão na Assembleia Legislativa. Espera-se o comparecimento de milhares de lideranças.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Luta acirrada pela vitória

Alguns políticos, satisfeitos com o resultado das convenções do PMDB e do PDS, dizem que a luta sucessória já está assegurada a favor do candidato da oposição. É uma perigosa precipitação. O que está em jogo é um regime construído a ferro e fogo para garantir interesses e privilégios fantásticos à oligarquia que usurpou o poder em 1964. Se o PDS gastou uma fábula em dinheiro na disputa para escolher o candidato do partido, é de se prever que o sistema multiplicará várias vezes esta orgia, assim como recorrerá a novas trapalhadas, golpes e manobras para impedir que um governo democrático saia vitorioso em janeiro de 1985.

LUTA DE CLASSES

A situação se apresenta desfavorável para o regime militar. O fracasso de suas orientações em todos os terrenos e a imensa insatisfação que toma conta das mais variadas camadas sociais criam dificuldades quase insuperáveis para os atuais detentores do poder. Mas neste grande oceano de fome e miséria em que o Brasil vai se transformando, existe um fabuloso oásis de riquezas, de luxo, de mordomias, controlado por um punhado de magnatas que têm nas mãos as rédeas do poder, e que não estão dispostos a largar passivamente o Palácio do Planalto.

Neste sentido, o que está em curso não é uma simples disputa pelo cargo de presidente. É na verdade uma manifestação da luta de classes, brutalmente acirrada com o golpe militar de 1964. Não é por acaso que, como resultado do processo político da sucessão, mesmo a contração do governo, o representante do continuismo seja Paulo Maluf, com todas as características de um Hitler brasileiro.

A divisão profunda do PDS e a cisão que ocorre no seio das classes dominantes são acima de tudo consequência do vigoroso movimento de massas que tomou a forma de grandes comícios nestes últimos meses. Sem esta pressão gigantesca, apesar de inúmeras dissensões, os poderosos encontrariam ainda formas de se recompor. Desta forma, o que pode garantir que seja mantida a atual frente oposicionista não é ampla, englobando a Frente Liberal e provavelmente ainda outros grupos que racharão com Maluf, é a continuidade da campanha de massas.

Se o povo não joga o seu peso nesta batalha, mesmo que as oposições sejam vitoriosas, isto será às custas de compromissos que só podem mutilar a democracia em construção. Sem os trabalhadores nas ruas, a oposição burguesa ficará a meio caminho na liquidação do regime militar. E os generais terão folgado para usar a força e fazer acertos de bastidores visando preservar ao máximo suas posições.

AMPLIAR OS LIMITES

Numa situação semelhante, Lênin apontava para a classe operária: "Não podemos sair dos limites democráticos burgueses da revolução russa, porém podemos ampliar estes limites em proporções colossais, podemos e devemos, dentro desses limites, lutar pelos interesses do proletariado, pela satisfação de suas necessidades imediatas e pelas condições de preparação de suas forças para a completa vitória futura".

Mobilização das amplas massas e unidade mais ampla possível, com todas as correntes oposicionistas e com todos os setores que estão em dissidência com o regime, impõem-se portanto como armas para combater consequentemente o regime militar e "ampliar os limites" de acordo com os interesses do proletariado. Com este apoio garantido, pode-se ter certeza de vitória do candidato oposicionista para a Presidência. (Rogério LUSTOSA)



As imensas filas de desempregados já desmentem a tal recuperação

Recuperação ou Degeneração?

A questão da recuperação econômica virou um dos temas mais polêmicos dos nossos dias. O governo gastou dezenas de milhões de cruzeiros em propaganda na televisão para "provar" que o pior já passou. Os banqueiros internacionais, engordados com nosso dinheiro, dão sorrisos de satisfação e dizem que o Brasil vai bem. Alguns órgãos da grande imprensa, como a "Folha de S. Paulo", se transformam em verdadeiros arautos da recuperação, promovendo uma caça aos centésimos de porcentagem e

dando destaque às notícias que signifiquem algum dado positivo.

Os dados da economia brasileira no primeiro semestre exigem análise cuidadosa. De um lado há aumento de 4% na produção industrial e de 25% nas exportações; do outro, queda de 11% no comércio interno e de 11% nas importações. Delfim Netto e mais alguns apressados saem berrando: "Viva a recuperação". Será que têm razão?

Perante uma análise mais profunda, a "teoria da recuperação" cai por terra. É verdade que a economia como um todo apresenta um pequeno crescimento, em torno de 2%, mas essa porcentagem é medida em relação a 1983, um dos piores anos de toda nossa história econômica.

Há grande diferença entre um pequeno crescimento e uma recuperação real. Quando se fala em recuperação, a referência tem que ser todo o período de brutal recessão que já dura quase quatro anos. Poderemos usar essa palavra quando estivermos realmente saindo dessa fase recessiva, mas isso requer mudanças de peso na economia, necessariamente ligadas a transformações políticas. Não são oscilações pequenas que mudam um estado geral de recessão, miséria e desemprego.

É fácil provar o que estamos dizendo. Em 1980, último ano de avanço na produção, o produto interno bruto (PIB) totalizou 250 bilhões de dólares, no ano seguinte caiu para 246; em 1982 foi para 248 bilhões, levando um tombo para 240 bilhões em 1983. Se neste ano o PIB crescer 2% chegaremos a um produto de 245 bilhões de dólares, um pouco acima de 1983, é verdade, mas menor que o de 1982 e bem abaixo dos níveis de 1980. Sem falar que a população nesse período cresceu 2,5% ao ano, fazendo com que, em valores per capita, haja queda na produção em 1984 (PIB total).

É insustentável a tese da recuperação. Em 1982 continuávamos na mais negra recessão, e no entanto a produção apresentou um pequeno crescimento, de quase 1%. Naquela época também apareceram alguns arautos da recuperação, tristemente desmentidos pelos resultados de 1983. Pequenos crescimentos não significam necessariamente recuperação. Podem ser apenas oscilações dentro de uma grande crise.

Política criminosas dos trustes internacionais

O que determina então se um pequeno crescimento é ou não como de recuperação?

O segredo está em identificar as forças que sustentam o crescimento, o quadro político no qual ele se dá, o pano de fundo do mercado mundial. Depois temos que perguntar: Estas tendências têm solidez? Podem durar bastante? Podem desencadear outros fatores favoráveis ao aumento da produção?

A economia no primeiro semestre foi impulsionada principalmente pelas exportações, subordinadas ao pagamento da dívida externa. O aumento das exportações no semestre foi de 25%. Os superávits mensais no comércio bateram todos os recordes, ultrapassando 1 bilhão de dólares. Os produtos industrializa-



De novo a velha tese de que "Exportar é a solução"

dos foram os que mais se destacaram, chegando próximos a um crescimento de 50%. Alguns exemplos são impressionantes: o setor de fibras sintéticas, por exemplo, aumentou suas exportações em 175%; o de pneus em 184%. As siderúrgicas aumentaram em 45% suas exportações, chegando com isso a utilizar 95% de sua capacidade instalada. As exportações de produtos químicos orgânicos se expandiram em 72%.

Esse esforço exportador não é apenas conjuntural. Faz parte de uma política de longo prazo dos trustes internacionais para transformar o Brasil num gigantesco pólo exportador de mão-de-obra barata e de recursos naturais, embutidos em produtos de baixa tecnologia: automóveis, máquinas de escrever, lâmpadas, caldeiras.

Numa recente reunião "entre amigos", Alain Belda, da Alcoa, o Sr. Sosa, da Dow Química, se mostravam otimistas com a "retomada" e chegaram a prever que "a expansão dos investimentos se dará basicamente na linha de produtos exportáveis".

É lógico que tal orgia exportadora acabou tendo alguma influência no mercado interno e no conjunto da economia. O nível de emprego encontra-se estagnado ou em pequena elevação; o consumo de energia elétrica cresceu 11% no semestre, principalmente devido aos setores exportadores, segundo os relatórios das concessionárias.

Toda essa influência, no entanto, é fraca. O comércio interno teve queda de 11% no semestre. No Rio e em Porto Alegre, a queda ultrapassou 30%. O mercado interno de automóveis, um bom exemplo, sofreu queda de 29% no semestre.

Os salários, nesse primeiro semestre, continuaram sendo fortemente deprimidos, tanto pelo decreto 2.065, como pelas manipulações do INPC. Um estudo realizado pelos industriais gaúchos revela queda de 53% do poder aquisitivo do salário médio dos operários do Estado, apenas nos seis primeiros meses deste ano!

A inflação se mantém acima dos

200%, ameaçando subir mais. E os juros, tanto internos como internacionais, sobem vertiginosamente. Em particular a *Libor* e a *Prime*, taxas básicas para a nossa dívida externa, escalaram 2% em apenas dois meses, chegando a 13% e podendo chegar a 15% nos próximos meses. Só de juros o Brasil deverá pagar mais de Cr\$ 30 trilhões em 1984!

Outro fator que tira gasolina para qualquer recuperação é o violento corte nos investimentos das estatais, que em dois anos foi acima de 50%. Essas empresas, além de não estimularem o mercado interno, estão devendo Cr\$ 1,5 trilhão em pagamentos atrasados para empreiteiras e indústrias.

O que está acontecendo é a degeneração da economia

Não estamos numa recuperação, o que está acontecendo é uma degeneração de nossa economia. O Brasil lembra um doente canceroso com um enorme tumor — o setor da exportação-a-todo-custo. O doente vai à balança e nota "um pequeno crescimento" do seu peso. Seu médico-feticheiro diz: "O doente está se recuperando", mas é o tumor que cresce.

É uma doença que destrói o mercado interno e direciona toda a economia para o pagamento da dívida externa. O esforço exportador vai acabando com a economia. Só de impostos os exportadores deixam de pagar em 1984 a quantia de 5,8 bilhões de dólares, o que representa 12 trilhões de cruzeiros. Apenas no Estado de São Paulo os impostos que não serão pagos representam um quinto da arrecadação do ICM. Consequência direta desta mamata é o aumento dos impostos sobre os assalariados, numa escalada da taxa que arrasa o mercado interno.

A sustentação do pequeno crescimento atual está nas exportações. Em sete meses, foi conseguido (ou extorquido) um superávit de 7,4 bilhões de dólares, 110% acima do realizado no primeiro semestre de 1983, que já havia sido enorme.



Mas há um detalhe que demonstra o perigo e a fragilidade do nosso mercado externo: mais da metade desse superávit foi nas trocas com um único país, os Estados Unidos. Nossas exportações para os países menos e subdesenvolvidos diminuíram, enquanto aumentavam 75% para os Estados Unidos, gerando uma total dependência e fraqueza. 1984!

Um novo regime que recupere o Brasil para os brasileiros

Esse é um dos problemas que corta o fôlego dessa falsa recuperação. Os Estados Unidos estão passando por um período de grande crescimento, em particular de junho de 1983 a junho de 1984, mas já dão mostras de queda no ritmo.

A economia norte-americana tem crescido às custas de um enorme déficit comercial e público. Está importando muito mais do que exporta e o Estado gasta muito mais do que consegue receber. O balanço das importações e exportações tem um saldo negativo de 120 bilhões de dólares (no ano passado o déficit foi de 40 bilhões) e o déficit público gira pelos 200 bilhões de dólares. É uma situação intolerável, um carro a alta velocidade, queimando muito óleo, que não pode ir muito longe. Após o período eleitoral são esperadas bruscas mudanças.

Como podemos ver, as bases para uma recuperação não existem. Os salários depois de quatro anos de recessão e arrocho chegaram a um nível que debilita o mercado interno. Para as multinacionais, entretanto, a situação continua ótima. Em 1980, quando o capital estrangeiro empregava um trabalhador brasileiro pelo salário-mínimo, pagava 76 dólares; hoje, esse mesmo trabalhador lhe sai por 50 dólares.

Para que a economia se recupere é preciso recuperar o Brasil para os brasileiros. É preciso atacar a recessão e o desemprego, aumentar os salários, cortar os juros, romper com o FMI. Isto só será realizado por um novo regime, retirando as rédeas do país das mãos dos banqueiros internacionais. (Luiz Gonzaga)

DE OLHO NO LANCE

Generais com Maluf

Os generais revelam mais uma vez a sua catadura reacionária. Vão se agarrar com Paulo Maluf, para tentar impedir a vitória das forças democráticas e até mesmo barrar qualquer alteração significativa no sistema de governo que montaram com o golpe militar de 1964.

O jornal "Letras em Marcha", de circulação entre os militares, já anda alertando que Tancredo quer levar os generais ao banco dos réus, como aconteceu com Afonsín na Argentina. O senador Fábio Lucena, do PMDB do Amazonas, denunciou que o general Walter Pires, ministro do Exército, "vai convocar os membros da Frente Liberal, a fim de pressioná-los a abandonar essa dissidência". O general Figueiredo apressou-se a convocar os governadores pedessistas num desesperado esforço para convencê-los a cerrar fileiras em torno de Maluf. E o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, afirmou desavergonhadamente que a "máquina do governo" apoiará "dentro de limites" (!) a candidatura Maluf.

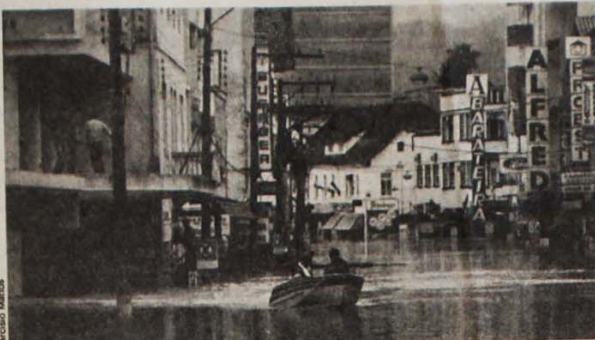
Este desatino tem como aspecto positivo o mérito de ajudar a esclarecer a opinião pública. O regime aparecerá representado à altura, por um candidato claramente reconhecido pelos brasileiros como símbolo da corrupção, da violência e da arrogância.

Perseguição federal afoga Santa Catarina

Desde o dia 6 de agosto, o Estado de Santa Catarina foi mais uma vez violentado por enchentes, maiores do que as de 1983. O número de desabrigados ascendeu a 236 mil; até agora foram achados 11 cadáveres. Os cortes de verbas decretados por Andreazza são apontados entre os principais fatores responsáveis pela catástrofe.

Os dados ainda não estão completos mas já denunciam a dimensão da tragédia. Dos 199 municípios do Estado, 158 foram atingidos. Os prejuízos causados à indústria e ao comércio ultrapassam Cr\$ 200 bilhões, sem contar a destruição das casas e da agricultura e as despesas com a mobilização de 4.826 homens da PM e 90 lanchas.

Uma pergunta era ouvida por toda parte: Como pode um Estado inteiro ser atacado duas vezes pelas águas, num período de 12 meses? Os técnicos já tinham uma resposta, as causas principais: o desmatamento da margem dos rios do grande lago de Itaipu; a falta de barragens e de drenagem



Blumenau ficou submersa pela segunda vez, em dois anos com a enchente que assolou o Sul

dos rios, principalmente do Itajaí-açu. E a culpa?

A partir da tragédia de 1983 ficou claro que as obras de drenagem poderiam evitar novas enchentes, pelo menos nessa intensidade; e depois da campanha popular e de pressão sobre o governo, essas obras começaram. Aí entra uma atitude criminosa. A partir de março deste ano, o ministro Mário Andreazza mandou suspender os trabalhos de drenagem. Foi um gesto mafioso motivado pelo fato de não ter recebido o apoio do governador

Esperidião Amin para sua frustrada campanha sucessória.

CRIME POLÍTICO

Foi o próprio governador que denunciou o governo federal, apresentando dados e provas sobre o descaso e a irresponsabilidade do ministro do Interior, revelando mais uma faceta do regime. Para o Palácio do Planalto, o desespero de todo um povo pesa muito menos do que alguns votos no Colégio Eleitoral.

VERBAS CORTADAS

Já nas cheias passadas, o governo estadual pediu Cr\$ 15 bilhões como quantia mínima para obras contra as enchentes. Só se liberaram 6 bilhões, que mesmo assim foram sustados em março. As drenagens no vale do Itajaí, que deveriam cobrir 20 quilômetros, foram paralisadas quando estavam nos primeiros dois quilômetros.

Não há dúvida, a calamidade em Santa Catarina é apenas uma manifestação da calamidade maior que afoga nosso país.

Sindicalistas visam unificar data-base

Na Bahia, por uma feliz coincidência, grandes categorias de trabalhadores têm a mesma data-base para a campanha salarial, 1º de setembro. São os petroquímicos, bancários, têxteis, metalúrgicos da Caraiíba e o pessoal de extração e refino do petróleo. Neste ano, há bastante mobilização, com assembleias representativas, passeatas e greves de fome.

Segundo Renildo Souza, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos, há condições para a unificação das campanhas, através de assembleias conjuntas, manifestações públicas, greves e outras formas de luta.

A assembleia geral dos químicos e petroquímicos, por exemplo, contou com

mais de 1.500 operários. Num clima de luta contra o decreto 2.065, os operários deflagraram uma greve de fome por todo o Pólo, a partir de 14 de agosto. Depois da assembleia, realizada no Cine Roma, em Salvador, mais de 500 operários saíram em passeata, gritando palavra de ordem

pela unidade da categoria e contra o arrocho salarial.

REPRESSÃO AOS TÊXTEIS

A expectativa entre os têxteis é de parar tudo se os patrões não cedderem. Estes, por seu lado, estão temerosos e desencadeiam medidas repressivas. Na Celanese, 300 foram demitidos; na COBAFI, os chefes de segurança desviam os ônibus tentando evitar passeatas.

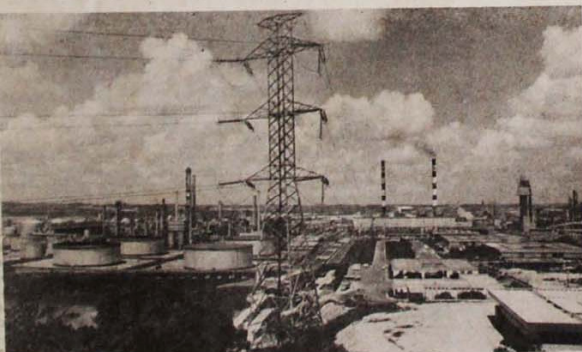
Mas o clima é de muita luta dentro das fábricas. Na COBAFI, os operários desafiaram a segurança e reali-

zaram as passeatas. Os têxteis têm grande peso na classe operária da região. São 2.500 operários, concentrados em 5 empresas do Centro Industrial de Aratu e do Pólo Petroquímico. A primeira assembleia da categoria, no dia 5 de julho, desencadeou várias mobilizações, como uma greve de fome com passeata dentro de cada empresa. As passeatas tiveram a adesão de 90% dos operários. Até agora, os patrões só estão enrolando, e está marcada nova assembleia para o dia 17 de agosto, com a greve como ponto de pauta.

LUTA NA CARAIÍBA

A Caraiíba Metais é a maior metalúrgica baiana, com 2.500 operários trabalhando em Camaçari. Está tendo a sua primeira campanha salarial. A mobilização é grande. Os metalúrgicos querem INPC integral mais 20%, garantia de emprego por um ano, piso salarial de 5 salários-mínimos e mais trinta reivindicações.

Após três negociações com os empresários, só enroloação. Mas a campanha está se enraizando entre os trabalhadores. "Pela disposição de luta dos operários, a campanha será vitoriosa e a empresa obrigada a atender as reivindicações" — afirma Renildo Souza. (da sucursal)



Pólo Petroquímico de Camaçari: operários querem unificar data-base

Metalúrgicos aumentam greves em SP

Aumenta o número de greves de metalúrgicos em São Paulo. As reivindicações são reajuste salarial, antecipação do reajuste de novembro, estabilidade no emprego, comissão de fábrica, creche e transporte. O Sindicato está assumindo essas lutas, e a diretoria recém-eleita vem tratando a questão das demissões e do arrocho salarial com maior vigor.

A adesão às greves tem sido total. Na Pial-Legrand, na Pirelli e na Zona Sul da cidade, os operários já fazem inclusive na possibilidade de o Sindicato convocar uma assembleia de toda a categoria para discutir uma greve geral na região.

"O único momento em que os patrões nos ouvem é quando as máquinas estão paradas", diz um cipeiro da Pial. "Quando tivemos notícia de facção na empresa, começamos a mobilização

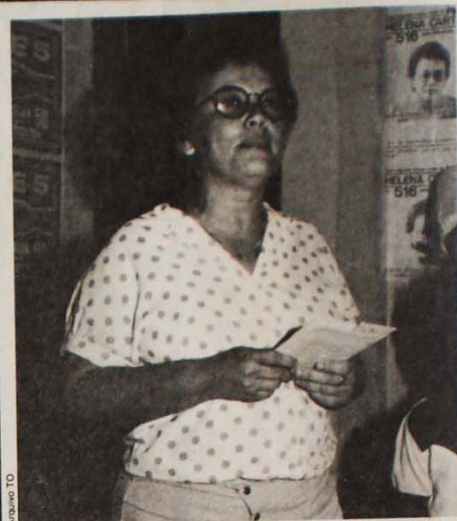
na fábrica para impedir as demissões", conta um seu colega. Uma operária denuncia que paga Cr\$ 45 mil por mês para que cuidem de seu filho de 4 meses de vida, sendo que a lei exige que a empresa tenha uma creche. A Pial tem convênio só que nunca falou onde fica a creche conveniada. Na fábrica dizem que só a alta chefia utiliza o convênio, que é mais usado para o patrão fazer abarbitamentos no imposto de renda. De seus 480 funcionários, 60% são mulheres.

Na Pirelli, os operários fizeram greve por um aumento de 20% nos salários, estabilidade, fim dos contratos com empresas de serviços temporários e as de locação de mão-de-obra, e reconhecimento da comissão de fábrica. Para esvaziar o movimento, a direção da multinacional convocou o famigerado "capitão Nóbrega", que se esmera em reprimir quase todas as manifestações populares e espancar os desempregados no Largo 13 de Maio. Mas os metalúrgicos ocuparam a fábrica, contando com o apoio do Sindicato. Trabalhadores de outras unidades da Pirelli no Estado solidarizaram-se com os grevistas. A greve terminou dia 11. Foi conquistada a antecipação de 20% e a estabilidade até o final do

ano. Foram demitidos 15 trabalhadores.

REPRESSÃO

Na Taurus, a greve começou dia 13. É uma das empresas que paga os salários mais baixos de São Paulo e tem as piores condições de trabalho. A repressão é muito grande. Como se trata de uma fábrica de armas, é infestada de policiais. No dia 14, cerca de 40 soldados desalojaram da fábrica os 300 grevistas que ali haviam acampado. E a resposta patronal à reivindicação de um aumento de 30%. Os metalúrgicos estão se reunindo diante da empresa para discutir e deliberar sobre a greve. Até o momento em que encerrávamos esta edição, a Taurus negava-se a negociar com os operários. (do correspondente na Zona Sul de São Paulo).



Helena: sempre na luta, inclusive contra a doença que a matou

Morre combatente da luta por liberdade

Morreu Helena Cartaxo, professora da Universidade Federal do Ceará, comunista e muito querida pelos alunos e colegas. Travou um combate de dois meses contra o câncer. Foi lutadora incansável pela democracia, pela transformação das universidades, pela emancipação da mulher. Sua firmeza só era igualada pela sua simpatia e humildade.

Helena nasceu em 23 de novembro de 1943, em Salvador, onde integrou a JUC — Juventude Universitária Católica e, logo depois, a AP — Ação Popular, grupo formado por antigos membros da JUC e que veio a incorporar-se no PC do Brasil.

Helena se fixou em Fortaleza tornando-se professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará; tinha o mestrado em Sociologia do Desenvolvimento. Na UFC, empenhou-se na organização dos professores, foi uma das fundadoras da Associação dos Docentes da UFC. Era a vice-presidente da entidade.

Gustavo Alberto, presidente do DCE da UFC, nos dá seu depoimento pesroso: "Helena foi uma batalhadora pela educação, pela liberdade e pelo socialismo. Alguém que admirávamos pela sua capacidade, dedicação e simplicidade. Nós, estudantes, nos sentíamos muito próximos dela. Não criava dis-

tância entre professor e aluno. Lutou com todas as forças por uma Universidade crítica, democrática, voltada para os problemas reais do nosso povo".

HONRANDO SEU PARTIDO

Helena foi candidata a deputado federal pelo PMDB em 1982, foi também participante entusiasta do Centro Popular da Mulher. Sua militância política foi ressaltada por Gilse Avelar, da Comissão Estadual pela Legalidade do PC do B: "É muito grande esta perda para os comunistas cearenses. Sua prática, aliada à permanente busca do estudo científico da sociedade, deram-lhe a compreensão de que estes objetivos seriam impossíveis sem a direção do Partido de vanguarda. Ingressou no PC do B em 1982 e soube aumentar a cada dia a amizade de todos os companheiros de luta. Foi realmente uma comunista, soube honrar o seu Partido. Nossas homenagens a ela."

Estreiteza política prejudica Coneb da UNE

A realização do V Conselho Nacional de Entidades de Base (Coneb) da UNE, nos dias 4 e 5 de agosto, em Vitória da Conquista, Bahia, foi uma grande demonstração de força do movimento estudantil. Dele participaram 622 diretórios e centros acadêmicos de todos os Estados do país, somando em torno de 1.200 estudantes. O Coneb aprovou medidas importantes sobre a Universidade, bem como a realização de um ato do dia 19 de setembro em defesa do ensino público e gratuito.

Porém a resolução aprovada sobre a conjuntura nacional não poderia ser pior. Em rápidas palavras, diz que a UNE deve apoiar a CUT, ser contrária ao lançamento do candidato único das oposições e apoiar a tese da não-participação no Colégio Eleitoral.

A aprovação destas propostas estreitas e divisionistas que favoreceram somente o regime militar e o imperialismo norte-americano, constitui uma séria derrota da luta popular e democrática em curso em nosso país. É incompreensível que uma reunião importante da UNE, entidade de grande prestígio entre a população de tradição de 47 anos de combate pela democracia e liberdade, tenha assumido posições tão contraditórias aos anseios do povo e à luta democrática em curso.

Esta situação extremamente prejudicial não pode permanecer por muito tempo. A maneira mais eficaz de recolocar a UNE no trilho das posições mais avançadas é a de que os estudantes verdadeiramente comprometidos com as causas democráticas e populares mobilizem suas for-



Pae, presidente da UNE

ças com decisão para a realização do 37º Congresso da entidade, na segunda semana de outubro. Temos somente dois meses para tirar delegados, organizar as caravanas massivas para este encontro, que será realizado no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

Nesta preparação do Congresso, cumprirá importante papel os estudantes de Viração, que têm se destacado sempre por uma conduta firme e consequente contra o regime militar e pelo combate ao sectarismo e ao divisionismo no movimento estudantil. Uma bancada numerosa desta tendência poderá definir os temas do Congresso e a retomada das tradições democráticas da UNE. Além disto, nas escolas, sem envolver as entidades, os colegas podem tomar iniciativas ousadas como abaixo-assinados e comitês a favor da candidatura única das oposições. (Acildon Pae — presidente da UNE)

Reunificação sindical é uma tarefa urgente

Os metroviários de São Paulo não participarão como delegados do Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a realizar-se nos próximos dias 24, 25 e 26. A decisão da categoria, de não enviar delegados a este Congresso, foi tomada por ampla maioria em assembleia do último dia 9, com a presença de 150 trabalhadores.

Admitimos a participação no encontro, mas somente na condição de observadores (se aceitos). Entendemos que esta posição representa politicamente a não ratificação da divisão no movimento sindical.

Em assembleia anterior, com a presença de 500 pessoas, os metroviários paulistas já haviam adotado essa posição, também por larga maioria. Na ocasião, foi aprovado um documento intitulado "Carta dos Metroviários ao Movimento Sindical Paulista e Nacional", entregue aos participantes do congresso para a formação da CUT-Estadual, documento este que retrata a nossa posição de repúdio à divisão do movimento sindical e apresenta duas propostas para a reunificação.

Central Única Sindical só após a reunificação

Antes da reunião do dia 9, a diretoria do Sindicato tomou essa mesma posição — por 10 votos contra 9. No meu entender, os trabalhadores devem continuar lutando por uma verdadeira Central Sindical Unitária, que só poderá existir com a unificação de todo o movimento sindical nacional. E é essa nossa principal tarefa.

Para ser coerente com esse objetivo, é necessário não fortalecer nenhuma das duas tendências existentes atualmente. Os trabalhadores não devem, simplesmente, contrapor a CUT ao Conclat, ou vice-versa, como se essas duas articulações resumissem todo o movimento sindical brasileiro.

Não podemos estar conformados com a divisão e ajudar a cristalizar as tentativas que vêm sendo feitas neste sentido. Acredito que não devemos poupar críticas seja à CUT, seja ao Conclat quando são tomadas iniciativas divisionistas.

Nesse sentido, cabe uma censura aos dirigentes sindicais das duas articulações que ficaram responsáveis pelo encaminhamento das resoluções aprovadas pela Plenária Sindical Unitária realizada em São Paulo, no dia 16 de junho.

Pode-se dizer que nada do que foi decidido foi devidamente encaminhado. Entre outras coisas, uma outra plenária sindical deveria ter sido realizada no dia 21 de julho, mas, pelo visto, isso ficou "esquecido" pelas cúpulas. É evidente



PONTO DE VISTA SINDICAL
Cláudio Spicóli Barbosa
Presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo

que esse tipo de coisas só acarreta prejuízos para os trabalhadores.

Nada mais esclarecedor dos males causados pela divisão do que o balanço deste último ano em que não foi possível unir o movimento sindical. Duas greves foram marcadas e, logo a seguir, desmarcadas porque não se considerou que é impossível a paralisação dos trabalhadores em todo o país sem a unidade mais ampla e completa.

Divisão resultou em um ano de imobilismo sindical

Nesse período, ou seja, de a concretização da CUT e do Conclat como duas articulações sindicais, assistimos a uma imobilização do movimento, num momento em que a luta é essencial. Quem ganhou com isso? É óbvio que os beneficiários da divisão foram os patrões e o regime militar.

Considero que existem meios para superar a divisão e chegar à desejada reunificação do movimento sindical. Em primeiro lugar, é necessário ter uma visão classista, abandonar os interesses menores, deixar de lado as ambições partidárias e pessoais.

Existem problemas e lutas que são comuns a todos os trabalhadores e que estão deixando de ser enfrentados graças à divisão nas cúpulas. As batalhas que devemos travar pela redução da jornada do trabalho, estabilidade no emprego, melhorias salariais, autonomia e liberdade sindicais e outras, exigem a união.

Foi com esse entendimento que os metroviários decidiram pela não-participação, como delegados, deste Congresso, que representa a tentativa de cristalizar a divisão no movimento sindical. Foi uma posição que ratificou a luta e a esperança na reunificação do movimento sindical, em uma verdadeira central única. É uma posição que, por isso mesmo, tende a frutificar.

Congresso da divisão serve à burguesia e aos generais

O Congresso da auto-intitulada CUT, que se realiza nos próximos dias, é mais uma manifestação da tentativa sistemática de grupos políticos de cunho trotsquista, católico e pequeno-burguês radicalizados para dividir o movimento sindical brasileiro. Com isto, visam tirar a principal força do sindicalismo, sua unidade.

Essa prática divisionista não é fruto de um equívoco de "companheiros pouco experientes e desavisados". É fruto de uma concepção política e ideológica que tem como centro a fragmentação dos movimentos sociais. Pois só através da divisão e do paralelismo é que suas propostas políticas encontram campo para algum desenvolvimento. Procuram encobri-las com uma fraseologia "radical" e "democrática", tentando se colocar como campeões da luta contra o peleguismo e do respeito às "bases". Entretanto essas afirmações não passam de demagogia e de oportunismo.

Fatos recentes comprovam esta postura. Quando suas pretensões de filiarem qualquer sindicato a tal central são derrotadas por manifestações livres de assembleias de trabalhadores, eles apelam para o paralelismo e "tiram delegações", passando por cima das decisões soberanas da categoria. Ou-



1983: baianos denunciaram que a CUT utilizou dólares escusos.

tras vezes, para garantir mais um sindicato filiado à sua central, estes grupos apóiam e se ligam a autênticos pelegos, como ocorreu em Alagoas.

POUCO REPRESENTATIVO
Outro aspecto a destacar é a baixa representatividade que terá o tal Congresso Nacional da CUT. Sustentado por dinheiro de origem escusa - com dólares da social-democracia e democracia cristã europeia -, que financiará transportes, alojamento e alimentação para milhares de pessoas, não é difícil concentrar hoje no Brasil alguns milhares de "delegados" (que diga a convenção do PDS).

É com base nisso que os dirigentes da CUT procuram orientar no fim do mês um sorriso de êxito ao instalarem sua reunião. Aconte-

ce que esses "delegados" estão sendo "eleitos" em reuniões esvaziadas, na maioria das vezes não convocadas pelas entidades de classe, mas pelas autopromovidas "oposições sindicais".

Ao promoverem a divisão do movimento sindical, ao se pautarem por posições políticas estreitas que negam a integração do movimento sindical na luta do povo contra o regime militar - o que hoje se materializa no apoio ao candidato único das oposições -, estes setores, queiram ou não, prestam um serviço à burguesia e ao governo dos generais. Estas posições enfraquecem a luta unitária do movimento sindical e de todo o povo para interferir de forma mais enérgica e decidida nos rumos políticos de nosso país. (R. Freitas)



Enclat gaúcho, agosto: petistas aprovam fim da intersindical unitária pra favorecer criação da CUT

CUT organiza Congresso desligado das "bases"

A central sindical petista, a CUT, ultima os preparativos para a realização do seu 1º Congresso Nacional, em 24, 25 e 26 de agosto, em São Bernardo. O encontro, que tem como único intuito implantar a divisão no sindicalismo brasileiro, está sendo preparado à revelia de importantes categorias e Sindicatos e terá uma representatividade artificial.

Conforme fica evidente no seu boletim de convocação, o encontro de São Bernardo, no ABC paulista, visa quase que exclusivamente discutir as formas de "estruturar e implantar a CUT em todos os níveis". Ou seja: com este segundo Congresso os sindicalistas ligados ao PT pretendem cristalizar de vez a divisão no movimento sindical, fragmentando as articulações unitárias existentes em vários Estados - como ocorreu recentemente com a destruição da intersindical gaúcha, o CET.

Para inchar o encontro nacional, dando-lhe uma base artificial, seus organizadores não titubearam em formular um regimento antisindical, com critérios de "tirada de delegados" que marginalizam as entidades sindicais e facilitam a eleição irregular dos participantes (ver quadro).

CONTRA A ASSEMBLEIA

Em todos os Estados o processo de "eleição de delegados" para o encontro tem sido forjado, desrespeitando-se inclusive decisões de assembleias de trabalhadores. Em Salvador, após uma assembleia com mais de 150 metalúrgicos deliberar que não participará do Congresso da CUT, uma ativista do PT ainda conclamou os presentes: "Quem quiser ir a São



Ceclat paulista sem representatividade funda a chamada CUT - São Paulo

Bernardo é só me procurar".

Nos Sindicatos onde as diretorias das entidades não reconhecem a central petista e não convocaram assembleias para eleger delegados, a CUT tem incentivado seus simpatizantes a fazê-lo. A maioria destas reuniões não tem tido qualquer representatividade, mas mesmo assim tem "eleito representantes da categoria". É o caso dos trabalhadores em água e esgoto de São Paulo, Sabesp, onde numa assembleia com menos de 20 pessoas foram eleitos cinco "delegados". O mesmo ocorre entre os trabalhadores rurais de diversos municípios do Maranhão, da Bahia etc., onde são tiradas delegações sem o respaldo da entidade sindical e da categoria.

NEM A DIRETORIA
Mesmo nos Sindicatos filiados

à CUT as assembleias para tirada de delegados tem sido fracas. No Sindicato dos Petroleiros de Campinas e Paulínia, a assembleia contou com 20 presentes, não participaram sequer os 24 membros da diretoria da entidade. Mesmo assim eleger os delegados para o encontro de São Bernardo.

Os próprios encontros estaduais, preparatórios do Congresso Nacional, tem refletido a fragilidade da CUT. Na Bahia, o encontro feito na semana passada foi dirigido por sindicalistas desautorizados por suas bases.

Fizeram parte da mesa coordenadora da reunião: Bebê e Laranjeira, respectivamente suplente e presidente do Sindicato dos Bancários, derrotados na assembleia da categoria que decidiu não ir a São Bernardo; Germino, ex-presidente do Sindipetro, derrotado recentemente nas eleições para seu Sindicato (sua chapa obteve 512 votos, contra 1.032 da vitória); Benjamim, fragoramente derrotado na assembleia dos metalúrgicos; Wagner, secretário do Sindiquímica, membro da chapa que obteve 37% dos votos na eleição proporcional para compor a nova diretoria da entidade; José Novais, membro da Coordenação Nacional da CUT, que há muito não se submete ao crivo dos lavradores de Vitória da Conquista. Os dois únicos integrantes da mesa com alguma representatividade eram Franklin e Boaventura, respectivamente, presidentes do Sindicato dos Músicos e da Associação Profissional dos Vigilantes!

No Maranhão, o encontro realizado nos dias 23 e 24 de julho, em Caxias, reuniu apenas 120 participantes, sendo que a maioria não fora eleita em assembleias sindicais. Se, por um lado, faltou representatividade, do outro, foi feita a ajuda financeira. Entidades da Igreja e a Central Sindical Católica da Itália doaram Cr\$ 6.688 mil para sua realização.

Para o Congresso Nacional também é certo o financiamento das centrais sindicais divisionistas e social-democratas da Europa. Em recente boletim, a CUT confessa que financiará no mínimo um ônibus para cada um dos 23 Estados da Federação. Para Bahia serão cedidos seis ônibus!

Regimento antisindical

A melhor prova da concepção antisindical da central petista é o próprio regimento do seu Congresso Nacional, onde são expostos os critérios de participação e a pauta do encontro.

Segundo o regimento, "quando a diretoria (do sindicato) não convocar assembleia a Direção Nacional da CUT garantirá a participação dos delegados de base". A esta postura arrogante, que menospreza a autonomia dos Sindicatos e o direito da entidade e da categoria de opinar e rejeitar a CUT, os cutistas chamam de "respeito às bases", de "democracia sindical". Mas logo em seguida o próprio regimento diz como a CUT "respeita as bases" e é "democrática".

Para eleger delegados segundo o critério da CUT é suficiente "realizar assembleias com uma participação mínima de três vezes o número de delegados a que a categoria tem direito". Por exemplo, uma categoria com até 10 mil trabalhadores tem direito a três delegados. Então são necessárias apenas 15 "gatos pingados" numa assembleia para eleger os dele-

gados" desta categoria. Já uma categoria que tenha entre 30 e 100 mil assalariados tem direito a 12 delegados, ou seja: é preciso que somente 36 "cutistas" participem de uma reunião para indicar os "representantes" deste conjunto de trabalhadores. A isto a CUT dá o nome de "sindicalismo de base"! O regimento sequer fala que os participantes da dita assembleia tenham que ser ao menos sindicalizados!

O intuito é claro: enfraquecer os Sindicatos que discordam da CUT; dividir as categorias, implantar na marra sua concepção sindical. Quanto à pauta do encontro, ela tem dois pontos: situação nacional (onde, sem dúvida, os petistas terão espaço para aprovar sua postura divisionista de boicote ao candidato único das oposições e abstenção no Colégio Eleitoral, o que significa na prática dar chances a Paulo Maluf); e "estrutura e implantação da CUT". Em nenhum momento o boletim da CUT se refere a Conclat e muito menos fala sobre a necessidade de reunificação do sindicalismo brasileiro.

Metalúrgico explica porque Oposição vai ao Colégio

O povo do Brasil quer votar para presidente e está revoltado porque o Congresso Nacional não aprovou as "Diretas-Já". Mas a revolta maior do povo é contra o regime militar responsável pela falência da Nação e pela

infelicidade dos brasileiros. Por isso o povo está entendendo que é preciso acabar com esse regime. E o jeito que o regime está acabando é este aí: pelo enfrentamento entre as forças que querem a continuação do

regime e as forças que não o aceitam.

Esse enfrentamento deveria ser pelas eleições diretas. Mas como as diretas não chegaram, o enfrentamento deve ser de qualquer maneira,

nem que seja pela eleição indireta. As oposições devem tapar o nariz e entrar no liceiro que é o Colégio Eleitoral e começar a desenrolar o nó que aperta o pescoço do povo e do país, que é o regime militar. Pelas diretas a gente cortava o nó da força de uma vez só; pelas indiretas vai ser cortado mais devagar. Mas o importante é que o nó seja cortado, não é mesmo? Só os tolos é que não enxergam isso e ficam dizendo que "tanto faz Maluf ou Tancredo".

Só tem uma coisa que eu compreendi lendo a TO nº 179 que dizia: "O povo tem que participar dessa luta e botar a campanha na rua para dar um jeito do nó do regime ser desatado de modo a servir aos nossos interesses. Senão as águas vão correr só para o lado burguês da Aliança Democrática". Eu acho que a Assembleia Democrática que ocorreu na Bahia devia ser feita nos outros Estados. Devia haver uma assembleia dessas em Pernambuco. (J.B.S. — operário-metalúrgico de Recife, Pernambuco).



Ninguém quer Maluf na Presidência

É de todos conhecido o interesse do sr. Paulo Maluf de ganhar a Presidência da República. Para isso está usando todas as suas forças e postulando a dos outros para chegar lá. Qual seria o motivo de tanto empenho? Pode ser qualquer um, menos o de querer salvar o país do caos em que se encontra. Se ele chegasse a declarar isso ninguém lhe daria crédito. Basta sua folha de deservimento quando governador de São Paulo para incompatibilizá-lo.

Aliás, sabe-se que o sr. Paulo Maluf já entrou sujo no Palácio dos Bandeirantes. A imprensa noticiou largamente os escândalos da Luffalla, envolvendo o nome do então candidato. Tivemos um péssimo governador sem nenhum escrúpulo que, assenhoreando-se do poder, passou a esbanjar o que não lhe pertencia, gastando somas fabulosas com perfuração de poços, a pretexto de procurar petróleo que nunca foi encontrado, como foi o caso da Paulipetro, cuja desativação, depois de ter custado mais de 500 bilhões de cruzeiros, ainda está causando dores de cabeça.

Todos sabem que o homenzinho prevalecia-se do cargo que ocupava para banquetejar-se frequentemente com os amigos, às

custas do erário público; que era fã de fazer condecorações a todos que privavam de sua simpatia e não regateava esforços quando se tratava de fazer propagandas que o beneficiassem.

Não é de homens sem escrúpulos que o Brasil precisa. Precisa de homens capazes, honestos, patriotas, que sejam realmente brasileiros e que vejam cada um de nós como um irmão, uma força digna de atenção e de justiça.

Não é concebível que um homem tenha tanto interesse em ser presidente quando se sabe que a nação inteira o repudia e que somente aqueles que ele comprou estão de seu lado. Como se não bastassem os sabidos exemplos de corrupção que denigrem o país e empobrecem o povo, acreditando que este sofre de hiperamênia a ponto de esquecer todas as injustiças contra ele praticadas; como se não bastassem as tristes consequências de nulidades que pesam sobre a Pátria; como se não bastassem todos os frutos das incompetências a destruir a nação, eis que aparece um presidencialista que por seu caráter e temperamento seria capaz de vender o Brasil ao estrangeiro para satisfazer uma vaidade pessoal. (J. Pita — São Paulo, SP)



Barra do Pirai repudia Paulo Salim

No dia 26 de julho, Paulo Salim Maluf receberia o título de cidadão barrense, o que não aconteceu pois o mesmo não compareceu. Durante toda a semana que antecedeu a data da entrega do título, o PMDB, o PDT e o PT distribuíram panfletos com uma nota de repúdio pela concessão do título e denunciaram os nomes dos vereadores que votaram a favor através de um painel

no local mais movimentado da cidade.

No momento em que se fazia a entrega dos títulos na Câmara Municipal, na praça em frente acontecia uma manifestação pública com mil pessoas promovida pelos partidos de oposição. Essa manifestação foi muito importante, pois demonstrou o descontentamento do povo com aqueles que se dizem representantes

dos anseios populares. Já havia terminado a manifestação quando membros do PT e do PDT foram atacados pelos mesmos vereadores que agrediram o povo concedendo o título a Maluf.

Infelizmente em nossa Câmara Municipal existe um bom número de elementos que se dizem vereadores, mas só trabalham con-

tra os interesses do povo de Barra do Pirai. A prova incontestável disso é que os vereadores do PDS e alguns que estão equivocadamente no PMDB votaram na concessão do título de cidadão barrense ao mais inscrupuloso e corrupto político do PDS paulista e o negaram ao jurista Sobral Pinto. (uma colaboradora da TO em Barra do Pirai — Rio de Janeiro)

UFF defende candidatura única da oposição

No último dia 9 de agosto, na Universidade Federal Fluminense ocorreu um fato que deve servir de alerta às entidades estudantis. Realizava-se um fato histórico, uma assembleia conjunta de professores e estudantes para decidir a reposição de aulas após a jornada grevista de docentes e servidores. Quando instalada a mesa dos trabalhos e iniciada a assembleia, tomou a palavra a coordenadora da UEE-RJ, Maria del Carmem, conhecida como Car-

menca. Neste momento, numa plenária onde existem mais de 2 mil estudantes e grande número de professores, começou o burburinho que chega a seu ponto mais alto quando a representante da UEE defende a proposta de conjuntura nacional aprovada no último Coneb de Vitória da Conquista. Neste momento soa a mais estrondosa vaia ao se dizer que a UNE deveria promover o boicote ao Colégio Eleitoral e rechaçar o candidato único

das Oposições. Instala-se confusão na plenária, que só cessa quando a coordenadora da UEE larga o microfone.

No decorrer da assembleia, em qualquer momento em que Carmemca ou qualquer pessoa identificada com a tendência "Alicerce" pega o microfone, a massa não o deixa falar, rechaçando-os.

Esse fato demonstrou o desgaste da diretoria da UEE-RJ frente à massa estu-

dantil, devido à falta de representatividade e inoperância da atual gestão. Fica assim evidente que os estudantes rejeitam a proposta de conjuntura nacional aprovada no último Coneb e que deve-se através de assembleias massivas nas escolas reverter esse quadro. Os estudantes da UFF são contrários ao boicote ao Colégio Eleitoral. Pelo fim do regime militar com candidatura única das oposições. (grupo de apoio à TO na UFF-Rio de Janeiro)



Santista tem qualidade apenas na exportação

Para se ter uma ideia do que representa o grupo Santista no Brasil, basta saber que 99% da sua produção é exportada para os EUA, enquanto o que fica no país são apenas peças com defeitos, também chamadas de 2ª qualidade. No 1º trimestre de 1983 a produção foi de 3 milhões 791 metros de pano com 3.400 metros de 2ª qualidade, correspondente a 0,49% da produção. No 1º trimestre de 1984 a produção foi de cerca de 8 milhões de metros com 0,13 de 2ª qualidade.

Só que para satisfazer esta sede de lucro, a empresa obriga os operários a trabalhar num ritmo desumano com um operário sendo forçado a operar 16 teares, já que as demissões têm sido constantes no quadro de operários da Santista.

E mesmo demitindo ainda procura obter uma produção maior com 100% de 1ª qualidade, e claro que com o suor e o sangue dos operários.

Agora, obrigando os operários a pagar crachá e medicamentos, fez pingar a gota d'água, que acabou com a paciência dos operários da Santista.

A campanha salarial vem aí e a Santista já tem uma comissão de fábrica que, embora não seja reconhecida pelos patrões, vem se tornando motivo de orgulho dos operários.

Juntos, nós e o Sindicato forjaremos uma unidade de aço, que certamente passará por cima do descaço dos patrões e da desprezível falta de caráter dos dedos-duros. (Comissão de Operários da Santista — São Paulo, SP)

Um metalúrgico pernambucano enviou uma carta analisando o porquê da necessidade da ida das oposições ao Colégio Eleitoral: "É preciso desatar o nó que está no pescoço do povo brasileiro. E este nó é o regime militar". Segundo afirma, é sentimento do povo, todos queriam as diretas. Mas se não dá, recorremos a todos os meios possíveis para acabar com este regime. Se a forma possível é o Colégio, vamos a ele. É importante que o povo se pronuncie sobre os acontecimentos políticos em curso, particularmente os operários, que



representam o que há de mais avançado na massa. (Olivia Rangel)



Jornaleiros exigem direitos

Os jornaleiros de São Paulo há muito vêm sofrendo espoliações. A sua jornada de trabalho pode começar às 3:00 h e vai até 20:00 h. Num processo ininterrupto, aliado a toda esta falta de respeito para com a categoria, que nos desgasta sensivelmente, nos últimos tempos as vendas estão caindo absurdamente.

A Editora Abril está implantando um sistema de venda em grandes Magazines e Supermercados, concedendo a estes "Impérios" vantagens incriveis.

Utilmente o sistema de vendas por assinaturas com até "60% de desconto" para o assinante nos coloca em condições precárias. Compramos e pagamos no ato as mercadorias que comercializamos. Depois de 01, 02 e 03 meses é que a

devolvemos. Se vendemos, menos mau, mas do contrário o nosso dinheiro gasto na compra, volta menos que "zero".

Exigimos o fim da manipulação do nosso dinheiro; regulamentação da profissão; 40% de Comissão; fim dos pelegos no nosso Sindicato.

O jornaleiro está com os seus dias contados. Estamos de luto. Luto contra os impérios financeiros: O Estado de São Paulo; Folha da Manhã; Bloch Editora; Abril Editora; Rio Gráfica Editora e todos os impérios financeiros que juntamente com o operariado construímos com lágrimas e sangue. Em breve deflagaremos campanha pública. Pedimos colaboração. (J.L.M., jornaleiro - São Paulo, SP)

Moradores fundam Associação

Apesar de ter sido convocada apenas para reivindicar melhorias para o bairro, a manifestação dos moradores do Alto do Padre Café acabou se transformando em um mini-comício contra a ditadura militar, o modelo econômico brasileiro e o PDS. Falaram, logo após o passeio a pé pelas ruas do bairro, o deputado federal do PMDB José Luiz Guedes, representante da Tribuna Operária, representante da Associação dos Moradores do bairro Mundo Novo e um representante do Unibaixos, o jornal de

baixos de Juiz de Fora. Mais de 150 pessoas participaram entusiasmadas da manifestação, que foi realizada no dia 15 de julho. Esta foi a primeira atividade da recém-fundada União dos Moradores do Alto Padre Café, entidade que promete muito, devido à grande combatividade e disposição de seus membros. Muito animados os participantes gritavam: "Um, dois, três, Maluf no xadrez e pra ficar completo, Figueiredo e Delfim Netto". (sucursal da TO em Juiz de Fora - Minas Gerais)

100 mil títulos na Bional Internacional do Livro em S. Paulo Bional

Realiza-se de 16 a 26 de agosto a 8ª Bional Internacional do Livro, no Parque Ibirapuera, São Paulo. Trata-se da maior exposição e feira do gênero na América Latina. Serão colocados à disposição dos visitantes mais de 100 mil títulos, produzidos por mais de 500 editoras brasileiras. Do exterior participam editoras de mais de 20 países.

A literatura popular, a revolucionária e a marxista, que sem dúvida despertam o interesse de boa parcela dos visitantes, não são o grande "filho" desta bional. Ficam meio diluídas pelo rolo compressor de uma luxuosa e cara "literatura de lazer", produzida pelas grandes editoras.

Paralelamente à exposição e venda de livros, serão realizados simpósios e debates, com destaque para o II Simpósio Sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural, onde serão discutidos os projetos de transformar as bibliotecas em centros de irradiação cultural.

Contudo, vale a pena visitar os stands da Brasilvivos (nº 86), da Alfa-Omega (nº 103) e da Global (nº 59), onde poderão ser encontrados diversos livros marxistas e algumas boas obras de cunho político e social de autores nacionais. No stand da Brasilvivos estarão à venda livros da Editora Anita Garibaldi e da Albânia.

Lançamentos de Haroldo, Aldo e João Amazonas

Dia 19, às 20 horas, lançamento do livro "A História da AP — da JUC ao PC do B", com a presença dos autores, os deputados federais Haroldo Lima e Aldo Arantes, no stand da Alfa Omega (nº 103).
Dia 25, 20 horas, João Amazonas estará autografando a segunda edição de seu livro "Socialismo, ideal da classe operária", no stand da Brasilvivos (nº 86).
Pavilhão da Bional, Parque Ibirapuera, São Paulo

Estudantes da PUC mostram criatividade de sua arte

"Podem disfarçar e me enganar. Podem tocar tango e mostrar sol de Pelé. Que o Brasil é rico de fazer dú só uma coisa vocês não podem esconder. O macacão que não sai do meu corpo."

Escritas por Oduvaldo Viana Filho e ditas hoje, após terem ficado mais de 10 anos proibidas pela Censura, as palavras da peça "A mais-valha vai acabar, seu Edgar" causaram grande impacto em todos aqueles que se reuniram nesta noite, dia 10, no TUCA para a abertura da 1ª Mostra de Arte da PUC, promovida pelo DCE, com apoio da Secretaria de Cultura.

"É o espaço reconquistado", diz Sami Ranzuth do grupo Pegasus que montou a peça e para quem "iniciativas como essa deveriam ocorrer sempre".

Na mostra há um pouco de tudo. Mais de 30 grupos divididos em teatro, música e dança, transformaram o palco do Tuca em uma grande festa, onde apresentar o que de melhor se pode criar na Universidade é o traço mais forte. A integração e total: se alguém toca, não não

canta, logo aparece um vocalista; e se um recital de poesia precisa de um fundo musical, ninguém se aperta. Imediatamente um solista se apresenta. Vai até mais longe: os fotógrafos mostram seus trabalhos enquanto os cartunistas, além de explicitar suas técnicas, desenham os visitantes. Os problemas da Mostra e suas peculiaridades já entraram para a história. No saguão do teatro o grupo das histórias em quadrinhos não perdeu nada e já ampliou seus painéis.

FESTIVAL MAIOR

"Se houvesse uma mostra dessa por ano, garanto que a vida da Universidade seria bem diferente", comenta um primeiro-anista que acompanha a Comissão Cultural desde o Projeto Calouro faz Arte realizado no começo deste ano. Para os organizadores, entretanto, a realização da Mostra significa muito mais: "É o amadurecimento de uma proposta de trabalho iniciada ainda em 83 com a Mostra de Música e ampliada no projeto". Para eles, o resultado maior chegou antes do que esperavam. Com mais de 100 pessoas, a Comissão Cultural já elabora uma política de atuação mais definida, preocupada também com a garantia de espaços como o próprio Tuca, hoje totalmente voltado para shows de caráter comercial.

Além disso, um convite feito por Silvío Ranzuth, assessor do Secretário da Universidade — Gian Francesco Guarnieri — e atual Diretor Cultural da UEE/SP, deixou todos muito animados: "Convidamos vocês para realizarmos um Festival muito maior e com muito mais gente".

Francisco Medeiros

É impossível ligar a tevê ou rádio, ou mesmo andar pelas ruas sem ouvirmos a voz do jovem cantor norte-americano Michael Jackson. Com 25 anos de idade, ele tornou-se nos últimos dois anos a mais popular figura da música pop. Seu penteado, seus trajes, suas roupas são imitadas por milhares de jovens. Seus discos vendem dezenas de milhões de cópias.

Interpretando músicas que misturam rock com o funk e dançando o break, Michael Jackson já vendeu, só do lp Thriller, 35 milhões de cópias — o lp de cantor solo com a maior vendagem no mundo! O novo disco do grupo "Jacksons", formado por Michael e seus irmãos, nos primeiros dias de lançamento vendeu 2 milhões de cópias nos Estados Unidos. O show do grupo nos EUA atraiu mais de 2 milhões de pessoas, e seus ingressos são sorteados em concursos internacionais — inclusive no Brasil. Seu corte de cabelo e suas roupas multicoloridas foram transformadas em moda. Sua dança é imitada nos bailes e motivo de concursos em clubes e programas de tevê (veja quadro ao lado).

Michael começou sua carreira com apenas cinco anos de idade, no grupo "Jackson Five". Já nessa época o grupo caracterizava suas apresentações em shows com exibições de dança. O garoto Michael destacava-se como vocalista e logo, auxiliado pela amiga e cantora Diana Ross, começou a cantar em separado do grupo. Em 1972 gravou "Ben", que, no Brasil, foi incluída na trilha sonora de uma novela da Globo.

Para se adequar às exigências da indústria cultural, con-



Michael Jackson e a amiga Diana Ross, que o apoiou no início da carreira como cantor solo.

tudo, Michael passou a ter aula de arte dramática, com Jane Fonda. Nos anos 70 fez um filme com Diana Ross, "O Mágico Inesquecível". Para melhor se amoldar aos padrões oficiais de beleza nos EUA, fez operação plástica. Michael montou sua própria produtora de vídeos para divulgar seus discos — e o recente sucesso dos vídeos "Thriller" e "Beat It", exibidos quase diariamente na televisão, dão mostras de que o investimento foi produtivo para o rapaz. O cantor também passou a convidar artistas de sucesso certo, como Paul McCartney, Mick Jagger e o grupo Van Halen, para participar de suas gravações.

Something"), a amizade ("Ben"), a violência urbana ("Beat It"), etc. Trata-se, portanto, de uma temática diferente de ídolos anteriores da música pop, como John Lennon, Bob Dylan, Jimmy Hendrix e outros, que além do romantismo, questionavam as mazelas da sociedade moderna e, nos anos 60, os horrores da guerra imperialista.

A revista Time, um dos principais porta-vozes do imperialismo ianque, atribuiu o sucesso de Michael Jackson ao seu "belo sorriso", seus olhos, seu "movimento de boneca" e sobretudo à sua "inocência infantil". O fato da revista não entrar no mérito da produção artística do cantor dá mostras de que o interesse dos monopólios não está na obra do intérprete, mas nos fabulosos lucros que podem ser auferidos em torno de sua pessoa.

DE OLHO NO LUCRO

Suas canções vão de baladas românticas como "Ben", "I'll Be There" e "Got To Be There", a ritmos agressivos, como "Thriller". Abordam, geralmente, aventuras ou desventuras amorosas ("Say, Say, Say", "Wanna Be Starting

POLPUDO NEGÓCIO

Sem dúvida, enquanto proporcionar lucros, o "fenômeno Michael Jackson" continuará existindo. Quando a fonte seque, os monopólios tratarão de livrar-se dos despojos do artista. Michael, então, não será mais a estrela das capas de revista, das lojas de disco, das programações de rádio e tevê. Voltará à baila, vez por outra, para proporcionar ainda algum retorno de capital aos investidores. Ou em manchetes sensacionalistas, a respeito de alguma tragédia que por desventura o acometa. Sua arte, para os monopólios, ficará simplesmente como a lembrança de um negócio. Um fabuloso e polpudo negócio, que deu certo — enquanto durou. (Gerson Marques e Carlos Pompe)



O grupo "Jackson Five": Michael (segurando o microfone)

"Michael é o melhor artista do Brasil..."

A televisão tem um papel de primeira linha na fabricação do mito, e um ponto alto nesta campanha são os chamados "côncursos" Michael Jackson". Com algumas diferenças, todos os programas de auditório têm alguma destas competições entre imitadores do cantor. São jovens saídos da periferia, com idades entre 14 e 18 anos, que têm muitas vezes a esperança de começar uma carreira artística.

A cada semana, cerca de 30 candidatos se apresentam no programa Barros de Alencar. Entre eles, um ponto em comum é a admiração incondicional por Michael Jackson:

"Como artista, ele é o melhor do Brasil", confunde-se o metalúrgico Adelson, de 20 anos. Adelson já concorreu em outros programas e até já saiu em escola de samba, no que é uma exceção entre a legião de dançarinos de jazz e break.

Foi pela televisão que os imitadores de Michael Jackson aprenderam a dançar, assistindo aos vídeos e, quando possível, comprando um disco ou fita. E para treinar, nada melhor que os bailes de fim de semana, onde o que mais toca é justamente Michael Jackson.

Estes concursos já revelaram pelo menos uma estrela da "jacksonmania" brasileira:

Lúcia Santos, a "Maica Jeca", que aos 14 anos é vencedora há 4 meses em um dos concursos. De família simples, morando na Zona Leste, Lúcia já tem um contrato e pensa em seguir firme a carreira artística, mesmo que a moda passe. Uma hipótese que parece distante para quem acha a música de Michael Jackson "cinco anos na frente".

Opinião bem mais lúcida é a de Silvío, de Osasco, que não tem ilusões na moda: "A gente vai ficar só imitando o Michael? Eu vou é arrumar um emprego e continuar estudando". (Silvío Queiroz)

OPINIÃO

Um exemplo a ser seguido?

O "fenômeno Michael Jackson", como ocorre no Brasil, tem dois lados. De um, a venda de uma mercadoria que gera fabulosos lucros para a indústria da moda. Por esse aspecto, pouco importa a qualidade da arte, da mensagem transmitida pelo cantor, como o demonstra a avaliação da revista Time (veja matéria ao lado) sobre este artista.

De outro lado, trata-se de uma agressão cultural. Os poderosos monopólios de comunicação — impõem à nossa juventude um ídolo. No rádio e televisão suas músicas são repetidas à exaustão — embora os ouvintes em sua imensa maioria nem mesmo entendam o que o intérprete está cantando. Nas bancas, inúmeras revistas estampam fotos do artista na capa, noticiam minúcias sobre sua vida particular, divulgam as letras de suas canções — o mais das vezes, sem traduzi-las.

Os jovens vêm-se, então, impedidos a imitar o "herói" do momento. Sem ao menos conhecer as ideias que ele tinha a apresentar. Sem saber de suas propostas, sua visão de mundo. E Michael Jackson é colocado como "um exemplo a ser seguido" — como a ele se referiu o chefe imperialista Ronald Reagan. Seguido em que? Nas roupas, no penteado, na dança, no estilo — a esta altura milionário — de vida? Mas o que tem a ver a mania do cantor em Los Angeles, com um habitante do conjunto Itaquera, em São Paulo? O que há de comum entre seu hábito de vestir a moda direita — e somente a direita — com uma lava, e as necessidades de um garoto proletário de Nova Iguaçu?

Na verdade, além de recolher lucros, os monopólios imperialistas visam, ao forjar semelhantes "fenômenos", semear a alienação. Afastar a juventude do questionamento sobre a realidade em que vive. Distanciar a dos problemas vividos pela sua comunidade. Bombardear-la com futildades. Embrutecê-la a mente. Perpetuar o atual estado de coisas.

semprec
20 a 24/08

1 semana PESQUISA PUC-SP

UNIVERSIDADE DCE-PUC

Tribuna Operária

RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre, Rua Adonir Barboza, 53, Sala 104, São Paulo: CEP 01214. Telefone: 36.721 (000/011). Telex: 01132123 TUBOP. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de Direção: Rogério Lúcia, Bernardo Joffe, Olívia Pinheiro.

ALAGOAS: Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaia. CEP 07500. Maceió: Rua Coronel João, 183, Centro. CEP 57500.

AMAZONAS: Manaus: Rua 5 de Novembro, 231, apt. 504, Praça da República. Caixa Postal 100. CEP 66000. São José do Rio Preto: Rua São João, 235, São José. CEP 13200. São Paulo: Rua São João, 235, São José. CEP 13200.

BAHIA: Camaçari: Rua José Augusto de Mattos, 12, CEP 40800. Feira de Santana: Rua Santos Dumont, 238, Centro. CEP 44000. Ilhéus: Av. 20 de Setembro, 102, 1º andar. CEP 45000. Itapetinga: Av. São João, 235, Centro. CEP 46000. Juazeiro: Rua Américo Avelar, 14, CEP 44200. Salvador: Rua Senador Celso Pinto, 845, Centro. CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro, 102, apt. 504, CEP 41000.

DISTRITO FEDERAL: Brasília: Esplanado Vargas, 1, sala 312, CEP 70000.

CEARA: Fortaleza: Rua do Rosário, 353, sala 206, Centro. CEP 60000. Iguatu: Rua Friburgo, 900, apt. 2º andar. CEP 79900. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4, CEP 62000.

ESPÍRITO SANTO: Cachoeira de Itaipava: Rua Frei Saturno Constantino, 100, 3º andar. CEP 27000. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aquino, sala 11. CEP 29000. Rio de Janeiro: 77, rua de casa, CEP 20000. Centro. CEP 20000.

GOIÁS: Goiânia: Rua 27, nº 89, CEP 74500. Fátima: Rua Emílio Pinheiro, sala 4, CEP 75000. Goiânia: Rua Genésio de Aguiar, 193, sala 205, CEP 71000.

MARANHÃO: São Luís: Rua 24, São João, 39, Centro. CEP 65000.

MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fina CEP 72000.

MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: Rua 15 de Novembro, 75, CEP 79000.

MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285, Centro. CEP 30000.

PARANÁ: Curitiba: Rua 15 de Novembro, 100, CEP 81000. Londrina: Rua São Sepião, 991, sala 74.8, CEP 86000.

PIAUÍ: Teresina: Rua Eneias Melo, 1100, 1º andar. CEP 64000.

PERNAMBUCO: Cabo de Santo Agostinho: Rua Tiradentes, 13, sala 1, Centro. CEP 52100. Recife: Rua São Sepião, 221, Sala Vista, CEP 50000.

RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Av. Presidente Vargas, 144, sala 139, Alameda. CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 429, CEP 90000. Caxias do Sul: Rua São João, 100, CEP 95000. Pelotas: Rua São João, 100, CEP 96000. Cachoeira de Itaipava: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aquino, sala 11, CEP 27000. Rio de Janeiro: 77, rua de casa, CEP 20000. Centro. CEP 20000.

RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208, CEP 20000. Niterói: Rua Américo Azeiteiro, 31, sala 181, CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Niterói, 40, sala 101, CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, nº 2248, sala 4, CEP 26000.

SÃO PAULO: Americana: Av. do Comércio, 230, sala 8, CEP 13400. Campinas: Rua Celso de Figueiredo, 100, CEP 13000. Marília: Avenida Brasil, 295, 2º andar, sala 12, CEP 13600. Santa Ana: Avenida Luitprold, 100, CEP 13000. São João del-Rei: Rua São João del-Rei, 100, CEP 13000. São José do Campos: Rua Vitorino, 318, CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Azeiteiro, 932, sala 2, CEP 12100.

SERGIPE: Aracaju: Rua Araújo, 399, CEP 49000.

TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. - Comércio: Rua Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP. CEP 01318.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Annual de apolo (52 edições) Cr\$ 40.000,00
 Annual comum (52 edições) Cr\$ 20.000,00
 Semestral de apolo (26 edições) Cr\$ 18.700,00
 Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00
 Annual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____
 CIDADE: _____ CEP: _____
 ESTADO: _____
 PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adonir Barboza, 53, Bela Vista, São Paulo, SP. CEP 01318.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Tribuna Operária
 Para mais informações sobre a SEMANA DECISIVA PARA DIRETAS-JA

Exploração e desemprego na indústria de Pelotas

Os operários da indústria de alimentação de Pelotas, no Rio Grande do Sul, trabalham numa situação de verdadeira escravidão. Há casos de trabalhador receber apenas Cr\$ 1.500 por semana e de outros que são trancafiados dentro das empresas. O Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação está mobilizando a categoria contra estes abusos.

Na Indústria da alimentação de Pelotas trabalhavam 20 mil pessoas, mas hoje "apenas 10 mil têm emprego", denuncia o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação, Françaol Pereira. Os patrões se aproveitaram do medo do desemprego existente na categoria para cometer uma série de arbitrariedades.

Françaol contou à **Tribuna Operária** que os empresários não respeitam o piso salarial do setor, de Cr\$ 108 mil. "Na safra do pêssego" — explica o presidente do Sindicato —, "mesmo que os caminhões com a fruta não chegassem de manhã cedo, o pessoal era obrigado a ficar à disposição da empresa. Mas como não trabalhavam, os patrões se achavam no direito de não pagar". Disse ainda que "os operários eram inclusive trancafiados dentro da fábrica para que não pudessem sair. Era preciso mantê-los presos, pois o pêssego podia chegar a qualquer momento. Caso chegassem um caminhão com a fruta no final do expediente, os patrões obrigavam a turma a ficar trabalhando".

Durante a última safra — de outubro a janeiro —, os donos da indústria de alimentação de Pelotas, principalmente no ramo de conserva, tiveram um lucro de Cr\$ 300 milhões por conta do roubo no pagamento dos salários. Uma operária recebeu pelo trabalho de 5 de outubro a 20 de dezembro a irrisória quantia de Cr\$ 26.361,61, quando deveria ter recebido, de acordo com o piso da categoria, Cr\$ 146.341,44. Na fábrica de conservação, um operário recebeu apenas Cr\$ 1.500 pela jornada de uma semana.

Sindicato realizou reuniões para apurar os abusos

O Sindicato realizou reuniões nas vilas operárias de Pelotas, onde recolheu provas concretas contra os abusos cometidos pelas empresas. Daltro Pereira, membro da diretoria da entidade, conta entusiasmado que "na menor destas reuniões, havia 60 operários. Nelas foram discutidas a situação de trabalho nas fábricas e os salários".

Françaol Pereira, que também é vereador pelo PMDB, revela: "A própria crise auxiliou a classe patronal a escravizar os operários, ameaçando-os com o desemprego. Estes 20 anos de governo militar, antipovo, fizeram com que os trabalhadores fossem afastados de suas entidades. Os mais antigos e experientes perderam contato com a entidade, e os novos pagam pela inexperiência".

A prepotência patronal é auxiliada pelo fato de o principal ramo do setor — o de conservação — ser uma indústria safista, que só trabalha durante um período do ano, provocando enorme rotatividade de mão-de-obra. Nenhum dos engenhos paga insalubridade. Por isto, os operários da Joaquim Oliveira, ao serem demitidos, entram na Justiça reclamando insalubridade, horas extras não-pagas e outras reivindicações.

Quem trabalha em padaria



Françaol: "A crise ajuda os patrões"



Homens, mulheres e crianças retiram do lixo o sustento para suas famílias enquanto buscam emprego

O duro garimpo dos que vivem do lixo

Entre as grandes multinacionais de São Bernardo do Campo, centenas de desempregados sobrevivem vendendo material retirado do lixo. Homens, mulheres e crianças vivem como animais, enfiados noite e dia nos detritos das sobras da sociedade, numa cena deprimente, retrato fiel dos gritantes contrastes existentes em nosso país.

São Bernardo do Campo, um dos municípios mais ricos do país, onde estão sediadas as maiores fábricas multinacionais, como Ford, Mercedes, Volks, traz também os enormes contrastes característicos de nossa sociedade. Junto com os 90 mil favelados, o município abriga o famoso *lixão* em que centenas de pessoas disputam com os ratos os meios para sobreviver.

"Se não é esse lixo, não sei como vou sobreviver"

O *lixão* de São Bernardo existe há 11 anos e fica no bairro Alvarenga, próximo à represa Billings. O depósito de detritos já atingiu uma altura de 70 metros e diariamente cerca de 180 caminhões despejam uma média de mil toneladas de lixo. Indiferentes ao mau cheiro, às moscas e ao gás



Dorival e os dois irmãos: "A gente luta para sustentar a casa"

metano desprendido, homens, mulheres e crianças "garimpam" ali pedaços de papelão, plástico, latas e algumas peças em alumínio ou cobre.

"Eu estive aqui não é por gosto. Aqui tem mau cheiro, muita sujeira, muita química e tem dia que a gente fica meio sufocada", desabafa Ercília Rodrigues Mourão, 45 anos, mãe de três crianças. Seu marido foi motorista de ônibus durante 14 anos, ficou desempregado 15 meses e teve como única alternativa ir para o *lixão*. Há cinco meses ele ficou cego e Ercília tomou seu lugar. A filha mais velha, de 12 anos, cuida da casa, do pai e das duas irmãs menores enquanto a mãe trabalha das 6 da manhã às 6 da tarde catando lixo. "Trabalhando firme, tiro de Cr\$ 4 a 5 mil por dia", conta Ercília, enquanto ajeita o tênis enlameado no pé antes de começar mais um dia de trabalho. É com este dinheiro que a família sobrevive.

ria", explica Aparecido Benedito Ribeiro. E acrescenta: "Tenho três filhos e, se não é esse lixo aqui, não sei como ia sobreviver".

"Caminhões e tratores trabalham com as crianças e adultos em volta. Admira que não ocorra um maior número de acidentes. Muitas vezes a família inteira vai para o *lixão*; outras vezes, só as crianças. Dorival, de 16 anos, trabalha junto com seus irmãos de 13 e 11 anos. As fisionomias infantis dos três se escondem atrás de grossa camada de sujeira, enquanto mourejam com afinco, como os adultos. Dorival e seus irmãos estudam de manhã e à tarde vão para o *lixão*. "A gente tem que dar uma luta para sustentar a casa", explica o mais velho deles.

"Nos estamos aqui porque não tem emprego", é a resposta que está na boca de toda aquela gente. Antônio Lourenço Alves, 28 anos, carpinteiro, trabalha à noite catando lixo com a lanterna acesa. Ele recorda que já trabalhou inclusive dentro da Volks, mas está desempregado há dois anos. "Toda semana tiro um ou dois dias para procurar emprego", relata Antônio. Todos querem sair daquele inferno, contudo não acham outra colocação. Nilo Costa, também carpinteiro, é taxativo: "Se eu tivesse emprego, nunca mais olhava pra isso aqui".

Perigo constante de acidentes no meio das máquinas

Problemas de saúde são constantes nas pessoas que ali trabalham, por causa dos gases tóxicos exalados dos detritos. Muitos sabem do risco que correm, mas enquanto não têm outra alternativa ficam. Ercília, por exemplo, dá sua opinião: "Eu acho que o problema na vista do meu marido foi proveniente daqui. Por isso que eu quero sair da

qui o quanto antes". Elson Viana dos Santos trabalha no *lixão* há mais de três anos. Ele conta que certa vez passou mal por causa da fumaça e "um dia pisei na química e fiquei meio louco, porque começou a comer o meu pé". Elson tem dois filhos e diz que está cozinhando no chão de seu barraco porque não tem condições de comprar gás.

"Se tivesse emprego nunca mais olhava pra isso aqui"

O local do *lixão* formiga de gente. Tem desde criança de três, quatro anos, até velhos de 70 anos. Há muitos acidentes, entretanto os catadores de lixo não gostam de comentar temendo que isso repercuta mal na imprensa e contribua para a desativação do depósito. Durante as três horas em que o repórter permaneceu ali presenciou dois acidentes, um deles grave — um caminhão de lixo passou sobre as pernas de um velho. Alguns pararam para socorrê-los e o restante continuou na faina.

Caminhões e tratores trabalham com as crianças e adultos em volta. Admira que não ocorra um maior número de acidentes. Muitas vezes a família inteira vai para o *lixão*; outras vezes, só as crianças. Dorival, de 16 anos, trabalha junto com seus irmãos de 13 e 11 anos. As fisionomias infantis dos três se escondem atrás de grossa camada de sujeira, enquanto mourejam com afinco, como os adultos. Dorival e seus irmãos estudam de manhã e à tarde vão para o *lixão*. "A gente tem que dar uma luta para sustentar a casa", explica o mais velho deles.

"Nos estamos aqui porque não tem emprego", é a resposta que está na boca de toda aquela gente. Antônio Lourenço Alves, 28 anos, carpinteiro, trabalha à noite catando lixo com a lanterna acesa. Ele recorda que já trabalhou inclusive dentro da Volks, mas está desempregado há dois anos. "Toda semana tiro um ou dois dias para procurar emprego", relata Antônio. Todos querem sair daquele inferno, contudo não acham outra colocação. Nilo Costa, também carpinteiro, é taxativo: "Se eu tivesse emprego, nunca mais olhava pra isso aqui".

Apesar de toda esta miséria, esses homens estão de olhos e ouvidos atentos. Muitos acompanham pela TV a ostentação e as mordomias na convenção do PDS, em Brasília. Aparecido, um dos líderes dos catadores de lixo, comenta: "O governo é uma porcaria. Se o dinheiro que eles gastaram lá tivesse sido distribuído na periferia, mataria a fome de muita gente!". (Domingos Abreu)



Mãe e seus dois filhos: retrato fiel das vítimas do desemprego.